

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

**SENTENÇAS FOCALIZADAS NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

Dissertação submetida à Universidade  
Federal de Santa Catarina para  
Obtenção do grau de Mestre em  
Lingüística

Agnes Zanfeliz

Orientador:  
Carlos Miotto

Florianópolis, abril de 2002

# SENTENÇAS FOCALIZADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Por

Agnes Zanfeliz

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística no Curso de Pós-Graduação Letras/Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, pela Comissão formada por:

Presidente e Orientador:   
Dr. Carlos Mioto – (UFSC)

Membro: \_\_\_\_\_  
Drª. Mary Aizawa Kato – (UNICAMP)

Membro: \_\_\_\_\_  
Drª. Maria Cristina Figueiredo Silva – (UFSC)

Coordenador da PGL:   
Dr. Heronides M. De Melo Moura

Florianópolis, 8 de abril de 2002

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade – pública, gratuita e de qualidade – que ainda temos nesse país, pela minha formação de graduação e pós-graduação.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Miotto, por tudo que me ensinou, pelo constante incentivo, mas, sobretudo, pelo exemplo de profissional competente e dedicado.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roberta Pires de Oliveira pelas valiosas sugestões.

Ao meu pai e à Ana, pelo apoio em tudo. Difícil é encontrar palavras para expressar a minha imensa gratidão.

À minha mãe, pelas sentinelas.

À Lila, por ser tão generosa, por ser uma irmã tão especial em minha vida.

Aos sinceros amigos, Cláudia, Daniel Félix, e Nádia, que sempre me incentivaram.

À colega Lucimeri Probst, pela solidariedade e amizade demonstrada.

Ao Tomás, meu maior amor possível, por ter colorido meus dias e minhas noites.

Ao Marcelo, pela compreensão e apoio nos momentos de dificuldade.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

## SUMÁRIO

Resumo	i
Abstract	ii
Introdução	iii
<b>Capítulo I - SEMÂNTICA</b>	<b>1</b>
0. Introdução	1
1. Pressuposição	1
1.1 Pressuposição e semântica	1
1.2 Pressuposição e tipo sentencial	8
2. Foco	11
2.1 Foco e semântica	11
2.1.1 Zubizarreta (1998) – Foco na perspectiva de Zubizarreta	11
2.1.2 Kiss (1998) – Foco na perspectiva de Kiss	15
2.2 Foco e tipo sentencial	17
<b>CAPÍTULO II : ANÁLISES</b>	
0. Introdução	26
1. Rizzi – O modelo da periferia esquerda da sentença	27
1.1 O subsistema ForceP e FinP	28
1.2 O subsistema TopP e FocP	30
1.3 Tópico e Foco: algumas distinções estruturais	33
1.3.1 Relação antecedente e pronome resumptivo	33
1.3.2 Quantificadores nus	34
1.3.3 Unicidade de foco	35
1.3.4 Compatibilidade com Wh	36
1.3.5 Efeitos de cruzamento fraco	37

1.4 A razão das diferenças entre foco e tópico	37
2. Belletti	40
2.1 O sujeito pós-verbal	41
2.1.1 A posição do sujeito em FI	43
2.1.2 A interpretação do sujeito em FI	45
2.2 A ordem VSXP: VSO versus VSPP	49
2.3 A ordem VOS	53
2.4 O sujeito pós-verbal pode ser tópico	55
2.5 Sujeito pós-verbal em interrogativas Wh	55
Capítulo III : <b>FOCO NO PB</b>	59
0. Introdução	59
1. Tópico e foco: algumas distinções estruturais no PB	59
1.1 Relação com o pronome resumptivo	59
1.2 Quantificadores nus	61
1.3 Compatibilidade com Wh	61
1.4 Um foco por sentença	62
1.5 Efeitos de cruzamento fraco ( <i>weak-crossover</i> )	63
2. A focalização do objeto	63
2.1 Foco <i>in situ</i> : SVO (VO)	64
2.2 Foco deslocado	67
2.2.1 OSV	67
2.2.2 O <i>que</i> SV	71
2.2.3 Clivada: <i>Ser O que</i> SV	73
2.2.4 Clivada <i>O ser que</i> SV	76
2.2.5 Pseudo-clivada: Wh SV <i>ser O</i>	78
2.2.6 Pseudo-clivadas reduzidas	83

3. Focalização do Sujeito	84
3.1 O sujeito focalizado com acento	86
3.2 O sujeito focalizado sem acento	87
3.2.1 Pseudo-clivada reduzida	87
3.2.2 VS	88
3.2.3 SV	90
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>96</b>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever e analisar as sentenças focalizadas no português brasileiro a partir da Teoria Gerativa. De acordo com Belletti (2001) há dois tipos de foco: o que tem uma interpretação contrastiva/corretiva/exaustiva situa-se na periferia esquerda da sentença; e o que é interpretado como foco de informação, situa-se dentro do IP, na periferia esquerda do VP. Em relação à fonologia o foco pode ou não ser acentuado. Quando acentuado, o foco se localiza na periferia esquerda da sentença. Quando não-acentuado, sua posição é o Spec de FocP interno ao IP. Essa análise nos permitiu verificar que o PB dispõe de algumas estratégias para focalizar o sujeito e constituintes que não são sujeito: desloca o foco para periferia esquerda da sentença e nesse caso ele só pode ser acentuado; desloca o foco para o Spec de FocP que tem o núcleo preenchido pelo complementizador *que* e nesse caso o foco só pode ser acentuado. E ainda, dispõe das sentenças clivadas e pseudo-clivadas (reduzidas) que podem conter o foco acentuado ou não.

## ABSTRACT

Based on Generative Theory, this dissertation aims at describing and analyzing the focused sentences in Brazilian Portuguese (PB). According to Belletti (2001), there are two types of focus: the one which has a contrastive/corrective/exhaustive interpretation is situated in the left periphery of the sentence; and what is interpreted as information focus, is situated within the IP, in the left periphery of VP. In terms of phonology, it may or may not be stressed. When stressed, the focus is located in the left periphery of the sentence. When unstressed, its position is the Spec of FocP within the IP. This analysis allowed us to verify that PB makes use of some strategies to focus both the subject and non-subject constituents: (i) displacement of the focus to the left periphery of the sentences, in which cases it can only be stressed, (ii) displacement of the focus to the Spec of FocP which has the head filled by the *que*-complementizer, in which case the focus can only be stressed. Finally, PB makes use of both cleft and pseudo-cleft sentences (reduces) which may contain the stressed focus or not.



## INTRODUÇÃO

Essa dissertação utiliza os pressupostos da Teoria Gerativa da Gramática na sua versão conhecida como Teoria de Princípios e Parâmetros formalizada em Chomsky (1981) e (1986a) para descrever o fenômeno da focalização no português brasileiro. O estudo desse fenômeno relaciona-se com questões sobre a *ordem das palavras*, enquanto o constituinte que é focalizado pode aparecer *in situ* ou à esquerda do IP.

Esse estudo é particularmente interessante porque, além de trabalhar com os vários níveis da gramática (fonologia-sintaxe-semântica), confronta-se com a idéia comum de que pesquisas na linha gerativa trabalham apenas com sentenças isoladas, fora de um contexto discursivo específico. No caso da focalização o contexto é importante para determinar qual constituinte é focalizado, exceto no casos em que o constituinte focalizado é marcado sintaticamente, como nas sentenças clivadas e pseudo-clivadas.

Apresentaremos aqui uma análise e descrição das construções com foco no português brasileiro (PB). Há, pelo menos, dois tipos de foco no que diz respeito à interpretação semântica: aquele que está associado à interpretação de contraste/correção/exaustividade; e aquele que é foco de informação associado à interpretação de não-contraste/não-correção/não-exaustividade. Essa dissertação vai assumir que o foco sempre ocupa um Spec de FocP que pode estar localizado na periferia esquerda da sentença ou dentro do IP. O primeiro tipo ocupa o Spec de

FocP na periferia esquerda da sentença; e o segundo ocupa o Spec de FocP interno ao IP. Dessa forma é codificada a relação entre sintaxe e semântica.

Para ilustrar a relação entre sintaxe-semântica e fonologia, observemos os exemplos a seguir:

(a) O Pedro beijou [<sub>F</sub> A MARIA]<sup>1</sup> (,não a Ana)

(b) O Pedro beijou [<sub>F</sub> a Maria]

(c) Foi [<sub>F</sub> O PEDRO] que beijou a Maria

(d) Quem beijou a Maria foi [<sub>F</sub> o Pedro]

(a) e (b) são segmentalmente idênticas, mas fonológica e semanticamente distintas:

(a) requer um acento proeminente sobre o constituinte focalizado (marcado por F) e sua interpretação é de contraste/correção estando localizado na periferia esquerda da sentença; sobre o foco em (b), que tem interpretação de não-contraste/não-correção e que se localiza dentro do IP, o acento proeminente não é requerido. (c) é uma sentença clivada, em que o constituinte focalizado, ensanduichado entre a cópula e o complementizador *que*, pode ou não ser marcado por um pico acentual implicando sempre exaustividade. (d) é uma sentença pseudo-clivada e o constituinte focalizado pode ou não ter um acento proeminente. Se tem acento a interpretação semântica e a representação sintática é idêntica à de (a), se não é idêntica à de (b).

No primeiro capítulo faremos uma descrição de como se dá a interpretação semântica de sentenças focalizadas mostrando como a sintaxe codifica esse tipo de

---

<sup>1</sup> Utilizaremos, ao longo desse trabalho, letras maiúsculas para indicar o constituinte focalizado na periferia esquerda da sentença.

estrutura. Através da bipartição entre foco e pressuposição vamos explicitar como a informação é veiculada estabelecendo a parte da sentença que constitui o foco e a que constitui a pressuposição. Dividiremos as seções entre pressuposição e tipo sentencial e foco e tipo sentencial. Discutiremos a noção de pressuposição semântica/pragmática a fim de tentar fazer um contraponto com a noção de foco. Finalizaremos esse capítulo descrevendo como se dá a interpretação semântica de sentenças que contêm tópico, no intuito de mostrar por que tópico e foco não podem ser confundidos um com o outro.

No segundo capítulo apresentaremos resenhas de autores como Rizzi (1997) e Belletti (2001), os quais usaremos como base teórica para análise do foco no PB. Rizzi discute o fenômeno da focalização na periferia esquerda da sentença. Belletti aponta para existência de duas posições distintas para foco: o Spec de FocP no CP expandido, de acordo com Rizzi (1997), e Spec de FocP interno ao IP.

No terceiro e último capítulo vamos tratar de foco e tópico no PB para deixar claras as distinções entre esses dois constituintes sobretudo quando eles ocorrem na periferia esquerda da sentença. Depois, faremos uma análise de sentenças com o objeto focalizado para rediscutir a questão da focalização *in situ*. Finalmente, analisaremos as estruturas com o sujeito focalizado. A focalização do sujeito no PB levanta questões muito interessantes porque essa língua dispõe de duas estratégias para focalizá-lo internamente ao IP: a ordem VS com verbos mono-argumentais e a ordem SV com verbos transitivos.

# CAPÍTULO I

## 0. Introdução

Neste capítulo pretendemos descrever como se dá a interpretação semântica de sentenças que contêm foco procurando mostrar como a sintaxe codifica esse tipo de estrutura. Através da bipartição entre foco e pressuposição vamos explicitar como a informação é veiculada estabelecendo a parte que constitui o foco e a que constitui a pressuposição. O foco é a parte da sentença que corresponde à informação nova, não partilhada pelos interlocutores. A pressuposição responde pela informação velha, compartilhada pelos interlocutores.

Por fim, vamos descrever também como se dá a interpretação semântica de sentenças que contêm tópico. As estruturas de tópico são bipartidas entre tópico e comentário. O tópico é a informação velha da sentença e o comentário é a parte que contém a informação nova. Com isso, devemos mostrar porque tópico e foco não podem ser confundidos um com o outro.

## 1. Pressuposição

### 1.1 Pressuposição e semântica

É comum, no âmbito do discurso, uma sentença S poder implicar uma outra S'. Essas implicações podem ser diferenciadas de modo preciso em termos de seu

papel no discurso e do modo como são licenciadas. Por exemplo, algumas sentenças dependem estritamente das condições de verdade de outras para serem usadas adequadamente.

Existem três tipos básicos de implicação, de acordo com a forma como a verdade de uma sentença se relaciona com a de outra. Assim, se o que está envolvido na relação entre as sentenças são exclusivamente as condições de verdade, a implicação é reconhecida como acarretamento. Agora, se temos uma situação em que o que está envolvido são as condições verdade e alguma coisa a mais (como as implicações que surgem durante uma conversa) estamos tratando de implicaturas griceanas. Por fim, se o que uma sentença implica é classificado como pano de fundo de outra sentença, temos uma pressuposição.

A respeito do que é pressuposição, Chierchia & McConnell-Ginet (1996:280) afirmam que “(an utterance of) a sentence *S* presupposes a proposition *p* if ( the utterance of) *S* implies *p* and further implies that *p* is somehow already part of background against which *S* is considered, that considering *S* at all involves taking *p* for granted”<sup>1</sup>. Assim, (1a) pressupõe (1b):

- (1) a. João parou de beber cerveja.
- b. João bebia cerveja.

Para que a sentença (1a) seja usada adequadamente é necessário imaginar um contexto em que seja garantido que (1b) aconteça de fato. Por isso, as pressuposições

---

<sup>1</sup> Tradução: “ (um proferimento de) uma sentença *S* pressupõe uma proposição *p* se (o proferimento de) *S* implica *p* e também implica que *p* é de alguma maneira parte que já integra o pano de fundo (background) contra o qual *S* é considerado, que considerar *S* envolve admitir *p*”.

atuam de forma a limitar os contextos em que uma sentença pode ser usada. A sentença (1a) seria inadequada em um contexto em que (1b) não acontecesse, isto é, em que João não bebesse cerveja.

Chierchia & McConnell-Ginet (doravante C&Mc) apontam que as pressuposições apresentam duas características empíricas principais: serem tomadas como ‘pano de fundo’ (*backgrounded*) de uma sentença e serem aceitas como verdadeiras. É possível verificar o que dissemos acima, através de testes que envolvem negar, interrogar, hipotetizar uma sentença como (1a), como fazemos em (2)<sup>2</sup>:

- (2) a. João não parou de beber cerveja.
- b. João parou de beber cerveja?
- c. Se João parou de beber cerveja, ele começou a beber vinho.

Notamos que em nenhuma das sentenças de (2) a verdade de (1b) é enfraquecida. Se alguém continuasse a conversa a partir de (1a) com “Eu não acredito”, “Eu gostaria de saber”, “Talvez”, ainda assim a pressuposição não seria posta em dúvida.

Já com o acarretamento isto não acontece. O acarretamento pode ser exemplificado como (3):

- (3) a. João beijou a mulher.
- b. João tocou a mulher.

---

<sup>2</sup> Observar que existem situações em que a verdade de uma proposição resiste aos testes sem que a proposição seja pressuposta, como no caso das relativas apositivas (ver Chierchia & McConnell-Ginet, 1996: 282-283). Mas isso acontece porque uma relativa apositiva não é tomada nem como pano de fundo, nem como garantida.

A relação das sentenças em (3) mostra que (3b) é uma consequência lógica de (3a). Isto significa que se (3a) é verdadeiro então (3b) necessariamente é verdadeiro. Entretanto, esse tipo de implicação é diferente da pressuposição, porque a relação descrita em (3) não resiste aos testes aplicados em (2). Observe (4):

- (4) a. João não beijou a mulher.<sup>3</sup>  
b. João beijou a mulher?  
c. Se João beijou a mulher, ela ficou contente.

A verdade de (3b) não é mais garantida ao negarmos, interrogarmos e hipotetizarmos (3a). Isso mostra que, diferentemente do que acontece com o pressuposto, o que é acarretado não se coloca na 'cena' como pano de fundo.

C&Mc chamam atenção para o fato de existirem proposições que são acarretadas e pressupostas ao mesmo tempo. O exemplo que eles dão é traduzido em (5):

- (5) a. Joana percebe que sintaxe lida com a estrutura da sentença.  
b. Sintaxe lida com a estrutura da sentença.

Se (5a) é verdadeira, então (5b) também deve ser, o que mostra que há acarretamento. Simultaneamente, (5b) é o pano de fundo e sua verdade é garantida por (5a). Aplicando os testes da negação, interrogação e hipotetização a (5a), (5b) se mantém inalterada.

---

<sup>3</sup> Existe um tipo de negação que não é adequado para o teste que estamos aplicando em (4a), como:

(i) João não beijou a mulher, deu o maior malho nela.

A negação não incide necessariamente sobre *beijar a mulher*, João pode ou não tê-la beijado. A interpretação mais comum nessa situação é que João não só a beijou como ainda deu o maior malho nela.

No entanto, acarretamento pode diferir de pressuposição<sup>4</sup>. (6a) pode pressupor (6b) sem acarretá-la:

- (6) a. Se Bill descobre que sintaxe é fácil, ele ficará muito satisfeito.
- b. Sintaxe é fácil.

A forma de mostrar isso é considerar que em certas situações a pressuposição pode ser cancelada<sup>5</sup>, o que nunca acontece com o acarretamento. Voltando a (3), se é verdade que *João beijou a mulher*, então não tem como deixar de ser verdade que *ele tocou a mulher*. Por outro lado, (6a) pode ser proferida em uma situação em que os interlocutores não sabem que ou se *sintaxe é fácil* e, neste caso, a verdade da proposição expressa por (6b) não é garantida. Em outras palavras, a sentença (6a) pode ou não tomar (6b) como pressuposto dependendo da situação em que é usada, possibilidade totalmente descartada para o acarretamento.

Abordando, por fim, o terceiro tipo de implicação, a implicatura griceana, podemos ver que há dois tipos de implicatura: convencional e conversacional. Um exemplo de implicatura convencional pode ser observado em (7):

---

<sup>4</sup> Kempson (1977) trata das diferenças entre pressuposição e acarretamento em termos de valor de verdade. Acarretamento é definido como uma relação entre sentenças de forma que a verdade da segunda sentença é necessariamente seguida da verdade da primeira sentença. Uma sentença  $S_1$  acarretará uma sentença  $S_2$  quando: se  $S_1$  for verdadeira,  $S_2$  também será; ou quando  $S_2$  for falsa, a sentença antecedente  $S_1$  também será falsa. Porém, muitas vezes  $S_1$  pode ser falsa, sem que isso implique na falsidade de  $S_2$ ,  $S_1$  pode ser falsa mesmo  $S_2$  sendo verdadeira. A pressuposição diferentemente do acarretamento exige que para uma sentença  $S_1$  pressupor uma sentença  $S_2$ ,  $S_2$  deve ser verdadeira. Caso  $S_2$  seja falsa, então não será possível atribuir nenhum valor de verdade para  $S_1$ , i.e,  $S_1$  não será nem verdadeira nem falsa. Russel defende que se  $S_2$  for falsa, então  $S_1$  também deverá ser (nossa intuição parece estar mais de acordo com a proposta de Russel).

<sup>5</sup> O exemplo discutido por Oliveira (2001:84), 'Você parou de vender cocaína?' mostra como a pressuposição se comporta. Se um réu responder positivamente ou negativamente a essa pergunta, em ambos casos estará se comprometendo com a pressuposição de que 'vendia cocaína antes'. A única forma de o réu não assumir o pressuposto é cancelá-lo afirmando: 'não parei de vender cocaína, porque nunca vendi antes'. Ao negarmos o pressuposto estamos admitindo que este é falso, logo nada mais podemos dizer sobre a verdade ou falsidade de uma sentença, visto que essa depende da verdade da sentença pano de fundo.



- (7) a. João foi ao supermercado e não comprou nada.  
b. João foi ao supermercado mas não comprou nada.

(7a) e (7b) parecem ser idênticas no que diz respeito às suas condições de verdade. No entanto, elas não veiculam exatamente as mesmas informações: (7b) parece informar algo mais do que (7a). O uso do item lexical *mas* em (7b) sugere um contraste entre ir ao supermercado e não comprar nada. O contraste que se estabelece a partir da implicatura de que “se alguém vai à loja é para comprar alguma coisa” e que surge do uso de *mas* constitui o tipo de implicatura que é chamada de convencional porque depende de um item lexical.

O outro tipo de implicatura, a conversacional, pode ser exemplificado em (8):

- (8) a. Maria tem um filho. (exemplos traduzidos de C&Mc)  
b. Maria tem exatamente um filho.

Numa conversa, quem ouve (8a) tende a inferir (8b), acreditando que o falante está sendo cooperativo e fornecendo todas as informações relevantes. Um exemplo adicional é o que aparece em (9) que contém o verbo factivo *descobrir*:

- (9) a. Se Jim descobre que Bill está em Nova Iorque, haverá problemas.  
b. Se eu descobro que Bill está em Nova Iorque, haverá problemas.  
c. Bill está em Nova Iorque.

Observe que (9a) implica (9c) em situações normais de conversa, ao contrário do que acontece entre (9b) e (9c). A razão disto é que, pelo fato de haver coincidência entre o sujeito de *descobrir* e o falante da sentença em (9b), (9c) não pode ser assumido pelo falante.

As sentenças de (7), (8) e (9) têm em comum o fato de serem implicaturas. Entretanto, enquanto se pode afirmar que a implicatura em (7) é criada a partir do item lexical *mas*, não se pode dizer que em (8) ela dependa de algum item lexical, nem que em (9) ela dependa de *descobrir*. Se dependesse, (9c) deveria estar implicado tanto em (9a) quanto em (9b). Em situações normais, (9c) não está implicado em (9b).

Confrontando pressuposição e implicatura, C&Mc afirmam que talvez todas as implicaturas convencionais sejam pressuposições. Assim, em (7) a implicatura de que “se alguém vai ao supermercado é para comprar alguma coisa” é um pressuposto (veja como ela resiste ao teste da hipotetização: “Se João foi ao supermercado e não comprou nada, nós estamos em apuros”). Por outro lado, parece que as implicaturas conversacionais não se confundem com pressuposições. No caso de (8), (8b) não é pressuposto de (8a) (veja como (8b) não resiste ao teste da negação: “Maria não tem um filho”). No caso de (9), por outro lado, (9c) é um pressuposto de (9a) (veja como (9c) resiste ao teste da negação: “Se Jim não descobre que Bill está em Nova Iorque, haverá problemas).

Em resumo:

- “A acarreta B (se A é verdadeiro, B é verdadeiro)
- A pressupõe B ( B é pano de fundo e tomado como garantido por A)
- A convencionalmente ou conversacionalmente implica B (B segue da interação das condições de verdade de A com convenções lingüísticas

sobre o uso apropriado de A ou princípios gerais de trocas conversacionais)". (Chierchia & Mc Connell-Ginet, 1996:286).

## 1.2. Pressuposição e tipo sentencial

Após apresentar um tratamento semântico/pragmático da pressuposição, vamos considerar rapidamente o modo como a sintaxe reflete este tipo de implicação. Nossa atenção vai se voltar para sentenças que têm um de seus constituintes focalizado (o chamado foco estreito). Como apontam algumas análises (ver Chomsky (1970) *apud* Rebuschi & Tuller (1999)), a contraparte do foco em uma sentença é a pressuposição. A expectativa é então que, ao isolarmos o foco estreito, o que resta é a pressuposição, uma proposição que vai resistir ao teste da negação, por exemplo.

As clivadas em (10) e as pseudo-clivadas em (11) são exemplos de sentenças focais<sup>6</sup>:

- (10) a. Foi A MAÇÃ<sup>7</sup> que a Maria comeu.  
b. Não foi A MAÇÃ que a Maria comeu.
- (11) a. O que a Maria comeu foi a maçã.  
b. O que a Maria comeu não foi a maçã.

As estruturas de (10) apresentam o foco deslocado à esquerda enquanto que nas de (11) o foco se localiza à direita. Independente da forma como essas estruturas são organizadas a pressuposição é a mesma: *a Maria comeu alguma coisa*. Ao negarmos

---

<sup>6</sup> C&Mc (1996:287) afirmam que sentenças clivadas e pseudo-clivadas contêm pressuposições que parecem implicaturas convencionais.

<sup>7</sup> As letras maiúsculas são usadas como um recurso para indicar o foco com pico acentual do tipo contrastivo/exaustivo. Esse recurso será sistematicamente usado no cap. III.

(10a) e (11a) notamos que a pressuposição *a Maria comeu alguma coisa* não é alcançada pela negação.

Observe a seguir as estruturas em (12) e (13):

- (12) a. A maçã que a Maria comeu.  
b. A maçã que a Maria não comeu.
- (13) a. A maçã a Maria comeu  
b. A maçã a Maria não comeu

O que as sentenças (10), (12) e (13) têm em comum é o foco deslocado à esquerda. (12) é diferente de (10) por não apresentar a cópula e (13) se distingue de (12) por não ter o complementizador *que*. Apesar das diferenças apontadas, a pressuposição *a Maria comeu alguma coisa* se mantém inalterada, como pode ser visto nas negativas (12b) e (13b).

Retomemos as estruturas de (10)-(13) agora com predicado do tipo “parar de ...” em (14) para analisar o que acontece com a pressuposição:

- (14) a. Foi a Maria que parou de fumar.  
b. Quem parou de fumar foi a Maria.  
c. A Maria que parou de fumar.  
d. A Maria parou de fumar.

O que observamos em (14) é que a pressuposição se organiza em “camadas”. A camada que podemos chamar de mais remota engloba o pressuposto que deriva dos predicados do tipo “parar de ...”, ou seja, em cada uma das sentenças de (14) se

mantém o pressuposto de que *alguém fumava*. A camada mais próxima engloba o pressuposto que deriva do tipo de construções que têm o foco deslocado à esquerda, como (14a), (14c) e (14d) e de pseudo-clivadas, como (14b); ou seja, existe nessas sentenças uma outra pressuposição, a de que *alguém parou de fumar*. Para constatar que as camadas de pressuposição se mantêm, basta aplicar o tradicional teste da negação.

Por fim, observemos as interrogativas Wh em (15):

- (15) a. Quem comeu a maçã?  
b. Quem parou de fumar?

A sentença (15a) pressupõe que *alguém comeu a maçã*. Esse tipo de pressuposto, próprio das interrogativas, pode ser derivado ao substituirmos a expressão Wh por um quantificador existencial. A interrogativa (15b) apresenta duas camadas de pressuposição: uma, *alguém parou de fumar*, dada pela substituição da expressão Wh por um quantificador existencial, e a outra, *alguém fumava*, dada pelo próprio predicado *parar de*. Vemos assim que as interrogativas Wh se comportam de modo semelhante às declarativas de (14) no que diz respeito à pressuposição.

A seção subsequente mostrará que as interrogativas Wh são importantes para estabelecer, em um dado contexto, qual parte da sentença constitui a pressuposição e qual parte constitui o foco, mais precisamente o foco de informação.

## 2. Foco

### 2.1 Foco e semântica

#### 2.1.1 Zubizarreta (1998)

Zubizarreta (1998) propõe o teste de perguntas/respostas para identificar como uma sentença é dividida entre foco e pressuposição. A pressuposição em uma pergunta pode ser parafraseada pela substituição da expressão WH por um indefinido. Observemos as perguntas de (16):

- (16)
- a. *O que* aconteceu?
  - ∗ b. *O que* a Maria comeu?
  - ∗ c. *Quem* comeu a maçã?
  - d. *O que* a Maria fez com a maçã?
  - e. *O que* aconteceu com a maçã?
  - f. *O que* a Maria fez?
  - g. *Quem* comeu o quê?

Se substituirmos as expressões WH que estão em itálico por pronomes indefinidos obteremos, respectivamente, as pressuposições que aparecem em (17)<sup>8</sup>:

- (17)
- a. *Alguma coisa* aconteceu.
  - b. Maria comeu *alguma coisa*.
  - c. *Alguém* comeu a maçã.

- d. A Maria fez *alguma coisa* com a maçã.
- e. Aconteceu *alguma coisa* com a maçã.
- f. A Maria fez *alguma coisa*.
- g. *Alguém* comeu *alguma coisa*.

A interpretação semântica de (17) pode ser representada pela quantificação existencial que aparece em (18):

- (18) a. Existe um x tal que x aconteceu.
- b. Existe um x tal que Maria comeu x.
- c. Existe um x tal que x comeu a maçã.
- d. Existe um x tal que Maria fez x com a maçã.
- e. Existe um x tal que x aconteceu com a maçã.
- f. Existe um x tal que Maria fez x.
- g. Existe um (x,y) tal que x comeu y.

O foco nas respostas vai ser a parte que substitui a expressão Wh das perguntas em (16) e o indefinido das pressuposições em (17). Isto é, o foco é o que é marcado por F em (19):

- (19) a. [<sub>F</sub>Maria [comeu [a maçã]]]
- b. [Maria [comeu [<sub>F</sub> a maçã]]]

---

<sup>8</sup> Tanto o procedimento de substituir uma expressão Wh por um indefinido, adotado por Zubizarreta para (4), quanto o teste da negação, aplicado a (3a), nos leva a um resultado equivalente: o que

- c.  $[[_F \text{ Maria } ] [\text{comeu } [a \text{ maçã}]]]$
- d.  $[\text{Maria } [[_F \text{ comeu} ] [a \text{ maçã } ]]]$
- e.  $[[_F \text{ Maria} ] [[_F \text{ comeu} ] [a \text{ maçã}]]]$
- f.  $[ \text{ Maria } [_F \text{ comeu } [a \text{ maçã}]]]$
- g.  $[[_F \text{ Maria} ] [\text{comeu } [_F a \text{ maçã}]]]$

Zubizarreta aponta para dois tipos de foco: o não-contrastivo e o contrastivo.

O foco não-contrastivo supõe uma pergunta e sua interpretação pode ser representada por uma estrutura de asserção (AS). A AS<sup>9</sup> é uma representação que se constrói depois da LF de modo que as AS<sub>s</sub> de (19a-b-e) são respectivamente (20):

- (20)
- a. A<sub>1</sub>: Existe um  $x$  tal que  $x$  aconteceu  
     A<sub>2</sub>: O  $x$  tal que  $x$  aconteceu =  $[_F \text{ Maria } \text{comeu } a \text{ maçã}]$
  - b. A<sub>1</sub>: Existe um  $x$  tal que Maria comeu  $x$   
     A<sub>2</sub>: O  $x$  tal que Maria comeu  $x$  =  $[_F a \text{ maçã}]$
  - c. A<sub>1</sub>: Existe um  $x$  tal que  $x$  aconteceu com a maçã  
     A<sub>2</sub>: O  $x$  tal que  $x$  aconteceu com a maçã =  $[_F \text{ Maria } \text{comeu}]$

A primeira asserção A<sub>1</sub>, que contém uma descrição indefinida (*um x*), é a pressuposição existencial contida na pergunta. A segunda asserção A<sub>2</sub> é a asserção principal onde se estabelece uma relação de igualdade entre a descrição definida (*o x*) e um valor que é o foco. A<sub>1</sub> e A<sub>2</sub> se relacionam da seguinte maneira: a descrição definida de A<sub>2</sub> retoma o referente introduzido pela descrição indefinida de A<sub>1</sub>. Em

---

obtemos é a pressuposição.



(20a) o foco consiste em um predicado *comeu* e seus dois argumentos *a maçã e Maria* (tema e agente), em (20b) é o tema que assinala um valor para variável e em (20c) o predicado e seu agente é que atribuem um valor para *x*.

Diferente do foco não-contrastivo, que supõe uma interrogativa, o foco contrastivo pode supor uma declaração, como em (21a):

- (21) a. Maria viajou de ônibus  
b. Maria viajou de avião (não de ônibus)

O foco contrastivo, de forma semelhante ao não-contrastivo, assinala um valor para uma variável. Porém, o faz de modo particular: por um lado, ele nega o valor introduzido para variável (o foco contrastivo é associado a uma negação, como a que aparece entre parênteses em (21b) e, por outro, introduz um novo valor para a mesma variável.

A interpretação deste tipo de foco também pode ser representada por uma AS, como (22):

- (22) A<sub>1</sub>: Existe um *x* tal que Maria viajou de *x*  
A<sub>2</sub>: Não é o caso que o *x* (tal que Maria viajou de *x*) = de ônibus  
& O *x* (tal que Maria viajou de *x*) = de avião

A<sub>1</sub> é pressuposição existencial contida na declaração. A<sub>2</sub> se constitui de duas asserções em que a descrição definida pega o referente introduzido pela descrição

---

<sup>9</sup> A Estrutura de Asserção de uma sentença, de acordo com Zubizarreta (1998:4), é uma representação que captura aspectos gramaticalmente relevantes das estruturas sentenciais, tais como a oposição foco-

indefinida de  $A_1$  negando que o valor para a variável seja *de ônibus* (não é o caso que  $x$ ) e atribuindo-lhe um novo valor *de avião*. Como podemos verificar em (22),  $A_2$  é a conjunção de duas asserções: *Maria não viajou de ônibus e Maria viajou de avião*.

### 2.1.2 KISS

Kiss (1998) faz uma outra leitura semântica de constituintes focalizados reconhecendo dois tipos de foco: o de informação e o de identificação. O que Zubizarreta identifica como foco não-contrastivo, Kiss trata como foco de informação. Esse tipo de foco carrega a informação não pressuposta, como marcado em negrito em (23a):

- (23)        a. Maria comprou **uma bolsa**  
              b. Maria comprou o quê?

Comparando com o que afirma Zubizarreta, (23a) responderia a uma pergunta como (23b).

Porém, não parece possível afirmar que haja uma correspondência total entre o que Zubizarreta chama de foco contrastivo e o que Kiss chama de foco identificacional. O primeiro implica contraste, enquanto o identificacional, além de poder implicar contraste, deve implicar exaustividade. Um foco que apresenta somente o traço [+contrastivo] pode ser exemplificado por (21b). O foco [+contrastivo +exaustivo] “representa um subconjunto do conjunto de elementos dados contextualmente ou situacionalmente para os quais o predicado pode

potencialmente se aplicar; é identificado como o subconjunto exaustivo deste conjunto para o qual o predicado realmente se aplica.”(Kiss,1998:245).

Tomemos (24) para explicitar essa situação:

(24) Foi a MARIA<sub>i</sub> que João apresentou t<sub>i</sub> para Pedro

Para interpretar (24) podemos imaginar uma situação em que, dentre várias pessoas possíveis de serem apresentadas a Pedro, João apresentou a Maria e só ela: a Maria é o único valor possível para variável X. Esse tipo de foco implica em contraste porque o predicado *João apresentou X para Pedro* se aplica a Maria (e não a Joana, p.e) e exaustividade porque o mesmo predicado se aplica a Maria (e a mais ninguém).

Para mostrar que apenas o foco de identificação implica exaustividade, Szabolcsi (1981) (*apud* Kiss (1998)) concebeu um teste que pode ser aplicado a sentenças envolvendo coordenação no constituinte focalizado. Observe os pares de sentença em (25) e (26), onde as sentenças de (b) devem ser encaradas como consequência lógica das de (a):

(25) a. Foi UM CHAPÉU E UM CASACO que Maria escolheu para ela.

b. Foi um chapéu que Maria escolheu para ela.

(26) a. Maria escolheu para ela **um chapéu e um casaco**.

b. Maria escolheu para ela um casaco.

Quando a interpretação é exaustiva, (b) não pode ser uma consequência lógica de (a). Em (25) observamos que (b) contradiz (a), o que mostra que o foco *um chapéu e um casaco* implica exaustividade: a quantificação opera sobre a conjunção. Por outro

lado, em (26) a sentença em (b) é uma consequência lógica de (a), o que atesta que não está em jogo a leitura exaustiva do foco.<sup>10</sup>

### 2.3 Foco e tipo sentencial

Nessa seção, pretendemos apresentar como o foco contrastivo (ou de identificação) e o não-contrastivo (de informação) estão refletidos na sintaxe, i.e. averiguar se algum tipo especial de sentença é compatível com um dos tipos de foco. Para tanto, adotaremos o procedimento de Zubizarreta (1998) utilizando uma pergunta Wh e uma declaração para construir o contexto do foco não-contrastivo e do foco contrastivo. Os julgamentos levam em conta uma situação “feliz” em que as respostas devem conter no máximo as informações solicitadas pela pergunta. Isto não quer dizer que as respostas marcadas por # sejam, de imediato, inadequadas, mas que elas contêm mais informações do que a pergunta requer.

Observe a pergunta em (27):

(27) O que o João comeu?

(28) a. O churrasco

b. Foi o churrasco

c. O que o João comeu foi o churrasco

---

<sup>10</sup> Ambar (1999) mostra que em português europeu existe um tipo semântico de foco que não se confunde com nenhum dos apresentados acima. Este pode ser notado em (i):

- (i) a. Quem comeu a tarte?  
b. Comeu a Joana.  
c. A Joana ...comeu

Se a pergunta (ia) é respondida como (ib), com a ordem verbo-sujeito, o que temos é um foco de informação. Porém, se a resposta é (ic), com a ordem sujeito-verbo, a interpretação será parafraseada

- d. Comeu o churrasco
- e. O João comeu o churrasco
- f. #O churrasco o João comeu
- g. #O churrasco que o João comeu
- h. #Foi o churrasco que o João comeu

(28) apresenta um conjunto de possíveis respostas para (27). Desse conjunto, as que respondem adequadamente são as que não estão marcadas com #. (28a) é a resposta mais usual e contém só o foco. Em (28b) temos a cópula precedendo o foco. Por sua vez, a pseudo-clivada em (28c) parece reproduzir a segunda asserção da AS proposta por Zubizarreta,  $A_2$ : *O x tal que o João comeu x = o churrasco*, o sinal de igualdade valendo pela cópula. (28d-e) são respostas que contêm o verbo lexical *comer* e o foco na sua posição de objeto.

As respostas em (28f-h) são inadequadas no sentido de que fornecem mais informação do que solicitado na pergunta. Elas têm em comum o fato de apresentarem o DP focalizado na periferia esquerda da sentença. De acordo com Krug de Assis (2001), as pseudo-clivadas e as clivadas se distinguem pois apenas as primeiras servem como resposta adequada para uma pergunta como (27). A inadequação de uma clivada como (28h) pode ser explicada se o que ela expressa é exaustividade, como afirma Kiss(1998). Por outro lado, parece que (28f-g) não servem como mero foco de informação porque implicam contraste.

Note que uma sentença clivada pode responder a uma pergunta com um Wh nu, desde que essa pergunta seja uma clivada, como (29):

---

como: *a Joana comeu (sobre os outros eu não sei nada)*. Este tipo de foco é codificado por uma categoria TopicFocusP.

- (29) a. O que foi que o João comeu?  
b. Qual foi a comida que o João comeu?

Assim, (28h) serve de resposta para (29), o que significa que a clivagem em (29) pode estar requerendo uma resposta com interpretação exaustiva.

Consideremos uma pergunta com uma expressão Wh do tipo que Pesetsky (1987) denominou *D-linked*, como em (30) e as repostas em (31):

- (30) Que filme o João assistiu?  
(31) a. #O Sonho de Rose o João assistiu  
b. #O Sonho de Rose que o João assistiu  
c. Foi o Sonho de Rose que o João assistiu

As respostas de (31a-b) causam estranhamento porque o foco parece implicar contraste, o que não é requisitado pela pergunta. Já a sentença clivada (31c), que implica exaustividade, serve como resposta para (30). Isso nos leva a concluir que uma expressão Wh *D-linked*, ao contrário de uma expressão Wh nua, pode requerer uma resposta com identificação exaustiva, como (31c)<sup>11</sup>.

Vamos agora considerar a afirmação em (32) que servirá como contexto para o foco contrastivo:

- (32) João comeu o carreteiro

---

<sup>11</sup> A expressão WH *D-linked que filme* contém um nome e o operador *que* que solicita como resposta, nos termos de Kiss (1998), qual é o “subconjunto do conjunto de elementos dados contextualmente ou situacionalmente para os quais o predicado pode potencialmente se aplicar; é identificado como o subconjunto exaustivo deste conjunto para o qual o predicado realmente se aplica.”(p. 245).

- (33)
- a. O CHURRASCO (não o carreteiro)
  - b. Foi O CHURRASCO (não o carreteiro)
  - c. O que o João comeu foi O CHURRASCO (não o carreteiro)
  - d. Comeu o CHURRASCO (não o carreteiro)
  - e. João comeu O CHURRASCO (não o carreteiro)
  - f. O CHURRASCO o João comeu (não o carreteiro)
  - g. O CHURRASCO que o João comeu (não o carreteiro)
  - h. Foi O CHURRASCO que o João comeu (não o carreteiro)

Os exemplos em (33) contêm entre parênteses o contraste que faz parte da  $A_2$  da AS de um foco contrastivo como foi visto em (22). O que está fora dos parênteses em maiúsculas é o foco e corresponde ao novo valor atribuído à variável.

Observamos a partir de (33) que o foco contrastivo não apresenta restrições quanto às posições em que pode ocorrer. Esse tipo de foco apresenta uma exigência de natureza fonológica, ou seja, ele deve ser marcado por um pico acentual.

Resumindo o que foi visto na seção 2.3, o foco contrastivo não serve para responder perguntas do tipo Wh. Vimos também que as sentenças clivadas não servem como resposta para perguntas com Wh nu, a não ser que a pergunta seja clivada. Qualquer tipo de sentença serve para veicular foco contrastivo, desde que, seja provido de um pico acentual. Por fim, uma pergunta com Wh nu pode ser respondida com três tipos de sentenças: só foco, foco precedido da cópula e pseudo-clivada.

### 3. Tópico

Nessa seção vamos apresentar como se dá a interpretação do tópico. A partir da proposta de Reinhart (1982) sobre a noção pragmática de tópico sentencial, Zubizarreta (1998) afirma que para acessarmos uma sentença qualquer temos que associá-la ao seu conjunto de asserções pragmaticamente possíveis (PPA). Para ilustrar o que é o PPA de uma sentença tomemos (34), uma sentença com verbo transitivo direto, que deve ser encarada em um contexto neutro (*out of the blue*):

(34) João comeu a bolacha.

Uma sentença SVO como (34) possui três membros em seu conjunto PPA, como podemos ver em (35):

- (35) a. O João comeu a bolacha  
b. O João, ele comeu a bolacha  
c. A bolacha, o João comeu ela

Podemos entender que (35a) representa uma possibilidade de acessar (34), como num contexto em que é resposta para uma pergunta como *O que aconteceu?*. Nesse caso temos uma sentença SVO sem tópico (= foco largo)<sup>12</sup>. (35b) corresponde a uma asserção S/SVO que mostra que (34) foi acessada de modo tal que *O João* é tomado



como o tópico da sentença, isto é, situação em que “temos que verificar se o conjunto definido pelo sujeito tem as propriedades definidas pelo predicado”. (Zubizarreta, 1998:8). Para (35c) o processo se repete, exceto pelo fato de a asserção ser do tipo O/SVO onde o objeto *a bolacha* é o tópico. Assim, a relação entre tópico e comentário se estabelece por predicação.

Quanto ao PPA de sentenças inacusativas, Zubizarreta afirma que as do tipo *there* não podem ter o sujeito indefinido como tópico. Assim, o PPA de uma sentença desse tipo contém a proposição nua e uma outra em que o locativo (estamos supondo que essas sentenças se estruturam com um locativo) figura como tópico. Por sua vez, o PPA das passivas contém, além da proposição nua, uma estrutura em que o sujeito é tomado como tópico.

Reinhart (1982) afirma que a noção de PPA é importante para julgamentos de valor de verdade de sentenças. Ela usa as sentenças em (36) para aplicar um teste a um grupo de pessoas:

- (36) a. Two American kings lived in New York.  
Dois reis americanos viveram em Nova Iorque
- b. There were two American kings in New York  
Havia dois reis americanos em Nova Iorque

Quando consultadas sobre o valor de verdade das sentenças em (36), todas as pessoas julgaram (36b) falsa, enquanto que (36a) foi julgada falsa por cerca de metade das pessoas e indefinida pelo restante.

---

<sup>12</sup> Observe que a sentença (35a) pode responder à pergunta *O que João comeu?* (O João comeu [<sub>F</sub> a bolacha]) ou *Quem comeu a bolacha?* ([<sub>F</sub>O João] comeu a bolacha), respostas que, mesmo mantendo a ordem sujeito-verbo-objeto, equivaleriam respectivamente a (35b) e (35c).

Reinhart explica que o desacordo no julgamento de (36a) aconteceu devido às possibilidades de acessar a sentença, que foi proposta em um contexto neutro. Nessa situação, qualquer membro do PPA de (36a), que é apresentado em (37), pode ser selecionado.

- (37) a. Dois reis americanos viveram em Nova Iorque (sentença sem tópico)
- b. Dois reis americanos  $(x) \setminus x$  viveram em Nova Iorque
- c. Nova Iorque  $(y) \setminus$  dois reis americanos viveram em  $y$

As pessoas que selecionaram (37b) julgaram (36a) indefinida porque, seguindo Strawson (1964) *apud* Zubizarreta (1998), *dois reis americanos* é um DP sem referência. As que selecionaram (37c) julgaram (36a) falsa porque o tópico *Nova Iorque* tem referência e o predicado *dois reis americanos* não se aplica a nenhum morador de Nova Iorque.

Por outro lado, não houve desacordo quanto ao julgamento de (36b) porque o seu PPA contém apenas a possibilidade em (38b), além da sentença sem tópico em (38a):

- (38) a. Havia dois reis americanos em Nova Iorque
- b. Nova Iorque  $(x) \setminus$  havia dois reis americanos em  $x$

A situação em (38b) é semelhante à de (37c) pois o tópico *Nova Iorque* tem referência e o predicado *havia dois reis americanos* não se aplica a ele.

Zubizarreta (1998) assume que a relação tópico-comentário é estabelecida em termos de predicação e representada, como foco-predsuposição, depois da LF na AS de uma sentença. Tomemos as perguntas em (39a) para contextualizar a interpretação de (39b), onde *João* é o foco e *os livros* o tópico:

- (39) a. O que aconteceu com os livros? Quem leu eles?  
b. [<sub>F</sub>João] leu os livros

A AS de (39b) pode ser representada por (40):

- (40)  $A_1$  Os livros<sub>y</sub> \ existe um  $x$ , tal que  $x$  leu  $y$   
 $A_2$  Os livros<sub>y</sub> \ o  $x$  (tal que  $x$  leu  $y$ ) = João

Em  $A_1$  temos o tópico *os livros* e o restante *existe um  $x$ , tal que  $x$  leu  $y$*  que corresponde à predsuposição de uma estrutura de foco (ver as  $A_1$  de (20)). Em  $A_2$  temos o tópico *os livros* e o restante *o  $x$  (tal que  $x$  leu  $y$ ) = João* que corresponde à asserção principal de uma estrutura de foco. (40) mostra que o tópico é o sujeito de um predicado proposicional que engloba a predsuposição e o foco. A mesma interpretação pode ser atribuída à sentença (41), que difere de (39b) por apresentar o tópico deslocado na periferia esquerda da sentença.

- (41) Os livros, o João leu (eles)

Resumindo a seção 3 referente a tópico, podemos dizer que a Estrutura de Asserção (AS) também é o lugar para codificar a articulação tópico-comentário de

sentenças. O tópicó é o sujeito proposicional de um predicado proposicional (onde o predicado proposicional é o comentário). O foco está contido no comentário, o que de certa forma esclarece a distinção entre tópicó e foco, e mostra o porque não é possível confundir um com o outro.

## CAPÍTULO II

### 0. Introdução

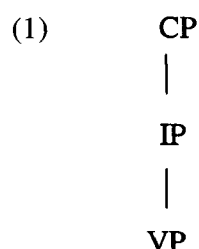
O objetivo deste capítulo é mostrar como se constrói sintaticamente as sentenças que têm um constituinte focalizado. Para tanto serão apresentados com algum detalhe os estudos de dois autores sobre o foco: Rizzi (1997) e Belletti (2001). O que estes estudos têm em comum é que um constituinte é interpretado como foco somente se ele ocupa a posição de especificador de FocP. Nessa posição o constituinte deve checar o traço [+foco] contra o núcleo Foc<sup>o</sup> e é desta relação que nasce a interpretação focal. Para o constituinte topicalizado ocorre coisa semelhante: este é interpretado como tópico quando ocupa a posição de especificador de TopP. Nessa posição, o constituinte checa seu traço [+tópico] contra o núcleo Top<sup>o</sup> e dessa relação nasce a interpretação de tópico.

Como foi visto no capítulo anterior, o foco de uma sentença pode ser interpretado de, pelo menos, duas maneiras: não-contrastivo e contrastivo (Zubizarreta,1998), ou de informação e de identificação (Kiss,1998), embora não seja possível estabelecer um paralelo exato entre as classificações das duas autoras. Se supomos que a sintaxe representa as interpretações de forma diferente, mantendo que o constituinte focalizado é o Spec de FocP, podemos dizer que a diferença de interpretação provém do fato de FocP ocupar duas posições na estrutura. É o que afirma Belletti (2001): o foco não-contrastivo ou de informação é o especificador de

um FocP gerado à esquerda do VP; e o foco contrastivo ou de identificação é o especificador de FocP gerado à esquerda do IP.

## 1. RIZZI (1997)

Estudos recentes em sintaxe mostram que a estrutura de uma sentença pode ser representada por constituintes de natureza funcional (IP e CP) e lexical (VP), organizados de forma hierárquica, como podemos ver em (1):



Cada constituinte possui propriedades específicas que definem a natureza dos núcleos e dos especificadores (os últimos, formadores de cadeias A ou A'). A sintaxe, além de estudar a estrutura interna de cada um desses constituintes, também se ocupa com a forma como esses constituintes se relacionam entre si.

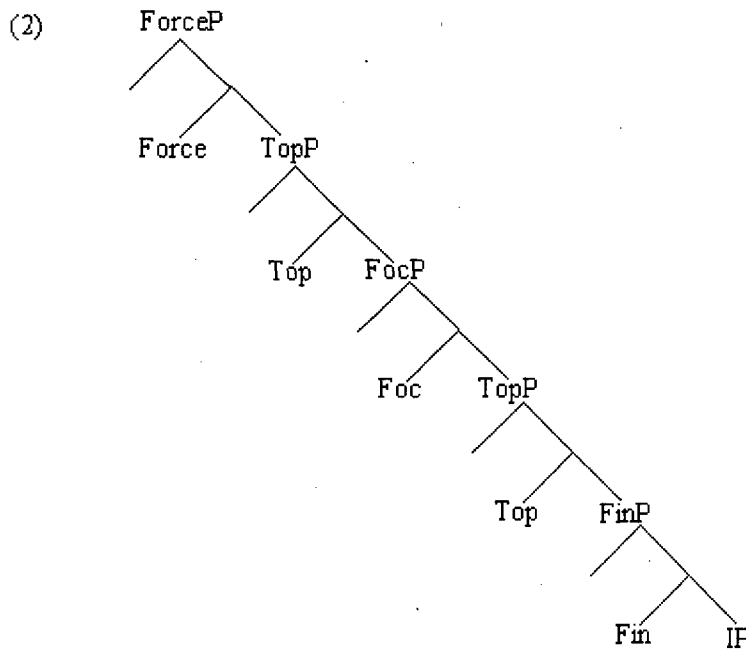
Rizzi (1997) postula que o sistema CP<sup>1</sup> engloba vários constituintes. A expansão do CP proposta pelo autor opera com dois subsistemas distintos. O primeiro, ForceP e FinP, permite ao CP à relação com a estrutura superior e inferior da sentença de modo a fechar o sistema em cima e em baixo. O segundo, TopP e

---

<sup>1</sup> Pressupostos paralelos foram aplicados para o VP (Larson, 1998) e para o IP (Pollock, 1989). Ver para expansão do CP (Nakajima, 1996).

FocP, interpretam as informações do tipo tópico-comentário e foco-suposição.

Podemos visualizar a representação desse sistema em (2):



### 1.1 O subsistema ForceP e FinP

O subsistema ForceP/FinP se caracteriza por apresentar propriedades estruturais. A categoria ForceP expressa as relações entre o sistema CP e os sistemas mais altos (sentenças matrizes ou a articulação com o discurso) indicando qual o tipo da sentença (declarativa, interrogativa, relativa, clivada, etc).

O tipo da sentença pode ser explicitado no domínio CP ou pode ser implícito. De acordo com Miotto (1999), no PB, por exemplo, uma sentença declarativa simples

se distingue de uma interrogativa sim/não a partir do CP, embora não se perceba a presença de nenhum item que explicita esse domínio, como vemos em (3):

- (3) a. João foi ao cinema  
b. João foi ao cinema?

(3a) e (3b) são segmentalmente idênticas, ressalvo a entonação, que em (3b) apresenta uma elevação do tom no final. Essa informação fonológica é codificada pela categoria ForceP (especificação de força) de um CP abstrato. Assim, o ForceP abstrato codifica a distinção existente entre uma declarativa e uma interrogativa.

Numa interrogativa sim/não do inglês, por outro lado, o domínio do CP deve ser explícito, como em (4), onde um dos núcleos do sistema CP deve receber a flexão:

- (4) [<sub>CP</sub> [<sub>C</sub> Has<sub>i</sub> [<sub>IP</sub> John t<sub>i</sub> gone to the movie?]]]

A outra categoria com propriedades estruturais é FinP que possui uma especificação de tempo. Esta especificação vai se relacionar com a especificação de tempo do sistema IP mais baixo. O que FinP faz é conectar o sistema CP com o sistema IP codificando as informações que determinam a finitude da sentença.

Vamos recorrer ao italiano para exemplificar os núcleos que preenchem Force<sup>o</sup> e Fin<sup>o</sup>:



- (5) a. Credo che il tuo libro, loro lo apprezzerebbero molto  
 “Acredito que o teu livro, eles o apreciariam muito”  
 b. \* Credo, il tuo libro, che loro lo apprezzerebbero molto
- (6) a. \* Credo di, il tuo libro, apprezzarlo molto  
 b. Credo, il tuo libro, di apprezzarlo molto  
 “Acredito, o teu livro, de apreciá-lo muito”

A agramaticalidade de (5b) mostra que o *che (que)* preenche o núcleo da categoria mais alta ForceP dado que o tópico *il tuo libro* não pode aparecer antes dessa categoria. Onde o tópico aparece depois de ForceP, como em (5a), a sentença é gramatical. Por outro lado, a agramaticalidade de (6a) mostra que *di (de)*, ao contrário de *che*, preenche o núcleo da categoria mais baixa FinP, já que o tópico não pode aparecer depois desse item, mas pode aparecer antes como em (6b).

## 1.2 O subsistema TopP e FocP

Vamos tratar nessa subseção de constituintes que aparecem na periferia esquerda da sentença cuja ocorrência não é devida a necessidades estruturais. Esses constituintes eram tratados muitas vezes como adjuntos a IP ou a CP. A expansão do CP reformulou essa situação provendo posições de especificador que alojam o tópico e foco. Assim, p.e., *your book* não é mais considerado um adjunto de IP, como representado em (7a), mas sim o especificador de TopP, como em (7b):

- (7) a. [<sub>IP</sub>Your book, [<sub>IP</sub>you should give t to Paul]] (not toBill)  
 “ Seu livro, você deve dar para Paulo (não para Bill)  
 b. [<sub>TopP</sub>Your book, [<sub>IP</sub>you should give t to Paul]] (not to Bill)

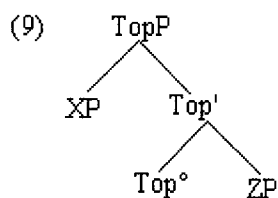
A articulação tópico-comentário se estrutura da seguinte forma: o tópico é elemento anteposto separado do comentário por uma quebra entonacional, representada na escrita pela vírgula. Ele expressa a informação velha (informação prévia no discurso). O comentário é um tipo de predicado complexo que introduz pelo menos alguma informação nova. Em (7b), a informação nova é *to Paul* como deduzimos da presença do contraste entre parênteses *not to Bill*.

A articulação foco-suposição é formalmente similar mas fonológica e interpretativamente diferente da articulação tópico-comentário, como vemos em (8):

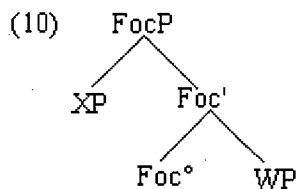
- (8) YOUR BOOK you should give t to Paul (not mine)

Existe um elemento anteposto, o foco, que carrega um acento proeminente (por isso não é usada a vírgula nesse caso) e introduz a informação nova. O restante da sentença expressa a informação velha, o conhecimento pressuposto pelos interlocutores. O contraste entre parênteses *not mine* garante que *your book* expressa a informação nova.

Ambas articulações são representadas no esquema X-Barra como vemos em (9) e (10), respectivamente:



XP = tópico  
ZP = comentário



XP = foco  
WP = pressuposição

Em (9) a posição de especificador XP é preenchida pelo tópico e o comentário é o complemento ZP. O núcleo Top° define um tipo de predicação alta dentro do sistema CP análoga a função de Agr° dentro do sistema IP, que conecta um sujeito e um predicado. A diferença básica entre Top° e Agr° é que o primeiro envolve um especificador em posição A' <sup>2</sup>. Em (10), o especificador XP é preenchido pelo foco e WP, a pressuposição, é o complemento.

Os núcleos Top° e Foc° podem ou não ser preenchidos por um item dependendo de cada língua. Rizzi aponta que a partícula *wè* na língua africana Gungbe preenche o núcleo Foc°; no japonês a partícula *wa* preenche Top° (ver no cap.3 onde será defendido que o núcleo Foc° é preenchido pelo complementizador *que*).

Os especificadores XP em (9) e (10) são posições destinadas a receber o tópico e o foco, respectivamente. Nessas posições os sintagmas atendem as exigências do Critério Top e Foc remanescente do Critério Wh e Neg (Rizzi, 1991, Haegeman, 1995):

<sup>2</sup> Notar que a interpretação do tópico proposta por Zubizarreta (1998) usa crucialmente a noção de predicação baseada em Reinhart (1984).

(11) Critério Top/Foc

- (i) Um tópico/foco deve estar em configuração Spec/núcleo com X° marcado pelo traço [+Top/Foc].
- (ii) Um núcleo Top°/Foc° marcado pelo traço [+Top/Foc] deve estar em configuração Spec/núcleo com um tópico/foco.

Esse critério deve ser satisfeito pelo menos em LF, para que os constituintes sejam interpretados de uma forma ou de outra.

### 1.3 Tópico e Foco: algumas distinções estruturais

Foco e tópico apresentam similaridades em relação às construções A' envolvendo a periferia esquerda da sentença. Suas similaridades são acentuadas pela discussão de que o mesmo sistema configuracional está envolvido. Contudo, há aspectos distintos referentes à natureza de tópico e foco. Vamos apresentar aqui cinco diferenças básicas:

#### 1.3.1 Relação antecedente e pronome resumptivo

Em italiano, e em outras línguas românicas, a articulação tópico-comentário é tipicamente expressa pela construção que Cinque (1990) (*apud* Rizzi (1997))

denominou *Clitic Left Dislocation* (CLLD), envolvendo um clítico resumptivo co-referencial com o elemento topicalizado, como em (12):

- (12) a. Il tuo libro, lo ho letto  
“O teu livro, o tenho lido”  
b. \*IL tuo libro, ho letto  
“O teu livro, tenho lido”

Em italiano, se o constituinte topicalizado for um objeto direto, o clítico co-referencial é obrigatório, por isso a agramaticalidade de (12b).

Na articulação foco-suposição, o elemento assinalado por um acento focal tem que ser retomado por uma categoria vazia, não admitindo co-referencialidade com clíticos resumptivos.

- (13) a. IL TUO LIBRO ho letto (,non il suo)  
b. \* IL TUO LIBRO lo ho letto (,non il suo)

Em (13) a situação é inversa a (12): a sentença agramatical é aquela que contém o clítico. O foco só pode ser retomado por uma categoria vazia, como em (13a).

### 1.3.2 Quantificadores nus

Outra diferença entre tópico e foco diz respeito aos elementos quantificacionais nus. Palavras como *nessuno* e *tutto*, que nunca estão associadas

com uma restrição lexical dentro do DP, não podem ser tópico em construções CLLD, como em (14). Entretanto, esses quantificadores podem ser focalizados (Rizzi, 1986) sem restrição, como vemos em (15):

- (14) a. \*Nessuno, lo ho visto  
“ Ninguém, cl tem visto”  
b. \*Tutto, lo ho fatto  
“ Tudo, cl tenho feito”
- (15) a. NESSUNO ho visto  
b. TUTTO ho fatto

### 1.3.3 Unicidade de foco

Observamos ainda que uma sentença pode conter vários tópicos e apenas um foco, i.e., só existe uma posição estrutural para focalização. Vejamos a seguir (16) e (17):

- (16) Il libro, a Gianni, domani, glielo daró senz' altro  
“ O livro, a Gianni, amanhã, lho darei sem falta”
- (17) \* A GIANNI IL LIBRO daró (, non a Piero, l'articolo)  
“ Para Gianni o livro darei (, não para Piero, o artigo)

Em (16) temos três tópicos *il libro* e *a Gianni*, que são respectivamente retomados pelos clíticos *lo* e *gli*, e *domani*. Em (17), a tentativa de construir a sentença com dois focos *a Gianni* e *il libro* resulta em agramaticalidade.

É possível que um foco e um ou mais tópicos sejam combinados na mesma estrutura. Nesse caso, o constituinte focal pode ser precedido e seguido pelos tópicos como na estrutura representada em (18):

(18) A Gianni, QUESTO, domani, gli dovrete dire  
          Tópico      foco      tópico

“Para Gianni, isto, amanhã, lhe deverei dizer”

#### 1.3.4 Compatibilidade com WH

Os operadores WH são compatíveis com um tópico em ordem fixa (TopWh) como vemos em (19):

(19) a. A Gianni, che cosa gli hai detto?

“Para Gianni, que coisa lhe tem dito”

b. \* Che cosa, a Gianni, gli hai detto?

“Que coisa, para Gianni, lhe tem dito”

Mas esses operadores são incompatíveis com um foco, independente da ordem em que ocorrem, como em (20):

- (20) a. \*A GIANNI che cosa hai detto (,non a Piero)?  
 “ Para Gianni que coisa tem dito (, não ao Piero)  
 b. \* Che cosa A GIANNI hai detto (non a Piero)?

### 1.3.5 Efeitos de cruzamento fraco (*weak crossover*)

Outra diferença entre tópico e foco surge quando consideramos os efeitos do cruzamento fraco (WCO). Enquanto o tópico não reage ao WCO, como em (21a), com foco seus efeitos são detectáveis como vemos em (21b):

- (21) a. Gianni<sub>i</sub>, sua<sub>i</sub> madre lo<sub>i</sub> ha sempre apprezzato.  
 “Gianni a mãe dele o tem sempre apreciado  
 b.?? GIANNI<sub>i</sub> sua<sub>i</sub> madre ha sempre apprezzato t<sub>i</sub> (non a Piero)  
 “ Gianni a mãe dele tem sempre apreciado (não a Piero)

Observamos que em (21a) o tópico *Gianni* pode estar co-indexado com o pronome *sua* e o clítico *lo*. Entretanto em (21b) a co-indexação entre *Gianni*, *sua* e *t* produz uma sentença com forte grau de inaceitabilidade.

### 1.4 A razão das diferenças entre foco e tópico

As cinco diferenças entre tópico e foco apontadas podem ser associadas a certas propriedades das construções em questão. Três delas, efeitos de WCO,



quantificadores nus e retomada por pronomes resumptivos são relacionadas com o fato de o foco, mas não o tópico, ser de natureza quantificacional.

De acordo com Lasnik & Stoewell (1991), *apud* Rizzi (1997), WCO é uma característica distintiva de relações A' que envolvem quantificação genuína. Dessa forma, as relações A' são divididas entre aquelas que envolvem quantificação com a ligação de uma variável a um quantificador e as que envolvem ligações não-quantificacionais. Como mostra (21b), as construções de foco sofrem efeitos de WCO, o que nos leva a concluir que a relação entre o constituinte focalizado e a categoria vazia é de natureza quantificacional. Já (21a) não sofre os efeitos de WCO e por isso somos levados a concluir que a co-indexação entre o constituinte topicalizado e o clítico não traduz uma relação de quantificação.

Quanto aos quantificadores nus, Rizzi afirma que não podem ser topicalizados porque eles são operadores inerentes, i.e., devem vincular uma variável em posição A<sup>3</sup>. Como a relação entre tópico e clítico não é de natureza quantificacional não vai existir uma variável para ser vinculada. Também o vestígio do clítico não pode ser concebido como uma variável para o quantificador, pois em princípio ele é o vestígio de um núcleo e não de uma projeção máxima. Por sua vez, nenhuma restrição pesa sobre a focalização de um quantificador nu, uma vez que foco é quantificacional.

---

<sup>3</sup> Rizzi faz notar que quantificadores com restrição lexical podem ser topicalizados como em (ia):

- (i) a. [Alguns dos quadros do Van Gogh]<sub>i</sub>, a Joana viu eles<sub>i</sub> no MASP  
b. [Alguns<sub>j</sub> [t<sub>j</sub> dos quadros do Van Gogh] ]<sub>i</sub>, a Joana viu eles<sub>i</sub> no MASP

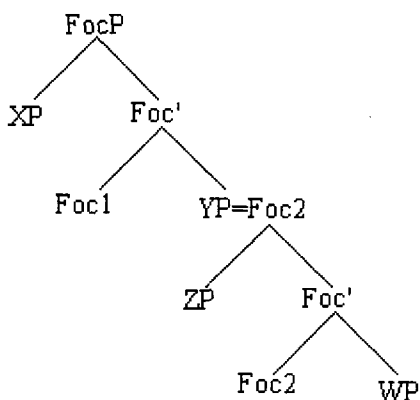
A topicalização de *alguns quadros de Van Gogh* é possível porque existe uma forma alternativa de criar uma variável para o quantificador *alguns*: na LF *alguns* é movido para fora do DP deixando uma variável lá dentro. Dessa forma, a relação entre o tópico e o pronome resumptivo *eles* não é necessariamente de natureza quantificacional.

Outra particularidade que tem a ver com a natureza quantificacional do foco é o fato de ele não poder ser retomado por um pronome resumptivo. O motivo disso é que o clítico sendo [+pronominal] não pode ser identificado como uma variável que é [-pronominal].

As duas outras propriedades das cinco apontadas por Rizzi que distinguem tópico de foco não são relacionadas com a natureza quantificacional destas construções e, assim, a explicação para este estado de coisas deve ser buscada em outra dimensão. A primeira é o fato de o tópico, mas não o foco, ser compatível com expressões Wh. A explicação dada para a incompatibilidade é que o foco e a expressão Wh competem pela mesma posição de Spec de FocP nas sentenças matrizes.

A segunda propriedade diz respeito à restrição de que pode ocorrer apenas um foco por sentença. A explicação fornecida para essa restrição provém da forma como o núcleo Foc<sup>o</sup> articula o foco e a pressuposição. Tendo em vista que qualquer constituinte possui apenas uma posição de especificador, o Spec de FocP é a posição destinada para o foco. Se houvesse outro foco na sentença, ele deveria ocupar uma posição de Spec de FocP que seria o complemento YP ou faria parte dele, como aparece em (22):

(22)



Mas isso não é possível porque o complemento de  $Foc^{\circ}$  conteria informação nova, o que é incompatível com a noção de pressuposição que deve conter somente informação velha.

Em contraste, o tópico não precisa ser único na sentença como já vimos em (13). Mesmo que haja apenas uma posição de Spec de TopP, não pesa sobre o complemento de  $Top^{\circ}$ , que é o comentário, a restrição de conter informação de uma única natureza, como é o caso da pressuposição. O comentário, além de conter informação nova, pode conter também informação velha. Assim, o constituinte que veicula a informação velha vai ter disponível outra posição de Spec de TopP mais abaixo.

## 2. BELLETTI (2001)

O trabalho desenvolvido por Belletti (2001) aponta para a existência de dois tipos de foco: um localizado na periferia esquerda da sentença e o outro na área

interna do IP. A cada um dos tipos é associada uma interpretação semântica e uma entonação específica. Quando o foco se localiza na periferia esquerda da sentença, a entonação associada a ele é caracterizada por pico acentual e a interpretação é de foco corretivo/contrastivo. Quando o foco se localiza na área interna do IP, não é marcado por nenhuma entonação especial e a interpretação é de foco de informação/não contrastivo.

Belletti propõe para área interna do IP uma cartografia semelhante a que Rizzi (1997) propõe para o CP. Segundo a autora, diferentes posições estão associadas a área interna do IP, como de tópico e de foco. Essas diferentes posições são preenchidas por constituintes focalizados ou topicalizados e a interpretação deles provém da relação que se estabelece entre o núcleo marcado pelo traço [+foco/tópico] e seu especificador.

## 2.1 O sujeito pós-verbal

A inversão do sujeito em relação ao verbo é um fenômeno das línguas românicas. Línguas de sujeito nulo como o italiano dispõem de um fenômeno conhecido como Inversão Livre do Sujeito (*Free Inversion* (FI)). Por sua vez, línguas como o francês, que admitem a ordem verbo sujeito (VS) e que não possuem a propriedade de sujeito nulo, não permitem FI. No entanto, outro tipo de inversão é permitida, a conhecida como Inversão Estilística (*Stylistic Inversion* (SI)). A diferença entre SI e FI é que somente a primeira requer um gatilho (*trigger*) para que a inversão possa ocorrer. Para ser desencadeada, SI requer a presença de um

elemento Wh ou de um verbo no subjuntivo. Vejamos o contraste de (FI) e (SI) a partir dos exemplos de Belletti (2001):

- (22) a. Ha parlato Gianni  
‘ Tem falado Gianni’
- b. È partito Gianni  
‘ É partido Gianni’
- c.\* A parlé Jean  
‘ Falou Jean’
- d.\* Est parti Jean  
‘ Partiu Jean’
- e. Le jour où a parlé/est parti Jean  
‘ O dia quando falou/partiu Jean’
- f. Il faut que parle/parte Jean  
‘ É necessário que fale/parta Jean’
- g. Il giorno in cui ha parlato/ è partito Gianni  
‘ O dia no qual falou/partiu Gianni’
- h. È necessario che parli/parta Gianni  
‘ É necessário que fale/parta Gianni’

Como podemos ver em (23), as sentenças do italiano (23a-b) são bem formadas em contraste com as do francês (23c-d). As sentenças do francês são agramaticais, independente do verbo ser intransitivo ou inacusativo, porque não há nenhum desencadeador para condicionar a inversão. Já no italiano, as sentenças (23a-b)

mostram que não há necessidade de uma gatilho para que a inversão seja permitida. (23e-f), sentenças do francês, são gramaticais devido à presença do elemento *Wh* *où* e do verbo no subjuntivo *parle/parte*, o que é irrelevante para as sentenças (23g-h) do italiano, língua que permite FI.

Embora FI e SI pareçam ser idênticas, cada tipo de inversão é associada a uma estrutura diferente. Adotando a análise de Kayne & Pollock (1999) para SI, Belletti afirma que SI é diferente de FI porque envolve a periferia esquerda da sentença. Na derivação, o sujeito é movido para fora do IP, para uma posição dentro do CP, e o IP remanescente é subseqüentemente movido sobre o sujeito para uma outra posição ainda mais alta dentro do CP. Por outro lado, FI resulta do movimento do verbo para I passando por cima do sujeito. A diferença crucial entre SI e FI é que o sujeito no primeiro caso é muito alto, enquanto que no segundo ele é baixo: FI é um fenômeno interno ao IP.

Em resumo, a ordem VS pode ser concebida em termos dois processos de natureza distinta: a) através do movimento remanescente do IP, para SI; b) através do movimento do verbo para fora do VP, para FI.

### **2.1.1 A posição do sujeito em FI**

Belletti (2001) afirma que o sujeito em FI ocupa uma posição baixa na estrutura da sentença. A evidência para esta afirmação é formulada a partir da discussão de Cinque (1999) sobre a posição dos advérbios. Para ele, os advérbios possuem uma ordem fixa na estrutura, o que significa que eles não podem ser

movidos passando um por cima do outro. Considere o contraste entre (24) e (25) que mostra como o sujeito em FI é baixo nas estruturas:

- (24) a. ? Capirà completamente Maria  
“Compreenderá completamente Maria”  
b. ? Spiegnerà completamente Maria al direttore  
“Explicará completamente Maria ao diretor”  
c. ? Capirà/spiegnerà bene Maria (al direttore)  
“Compreenderá/explicará bem Maria (ao diretor)”
- (25) a. \* Capirà Maria completamente (al direttore)  
b. \* Capirà/spiegnerà Maria bene (al direttore)

Nas sentenças (24a-c) os advérbios *completamente* e *bene* são baixos e a ocorrência do sujeito após os advérbios produz sentenças gramaticais; quando a ordem entre advérbio e sujeito é revertida, temos as sentenças agramaticais de (25a-b). O fato de o sujeito ocorrer depois de um advérbio baixo, mas não antes, mostra que ele está muito baixo na estrutura. Outra característica relacionada ao sujeito em FI é quanto ao tipo de posição envolvida. A autora chega à conclusão que se trata de uma posição não argumental em vista de não ser um domínio de extração<sup>4</sup>, como ilustram os exemplos em (26):

---

<sup>4</sup> Em SI, no francês, a extração do sujeito pós-verbal é perfeita com *Wh combien*, enquanto que com o clítico *en* é impossível conforme (i):

- (i) a. ?\* Le jour où en<sub>i</sub> ont téléphoné trois t<sub>i</sub>  
“O dia em que deles(cl) têm telefonado três  
b. *Combien<sub>i</sub> ont téléphoné t<sub>i</sub> de linguistes*  
“Quantos têm telefonado de lingüistas”

(26) a. ?? Il giornale di cui<sub>i</sub> ha telefonato [il direttore t<sub>i</sub>] al presidente

“O jornal do qual tem telefonado o diretor ao presidente”

b. ?? Ne<sub>i</sub> ha telefonato [il direttore t<sub>i</sub>] al presidente

“Dele(cl) tem telefonado o diretor ao presidente”

Em (26a) a extração da expressão Wh *di cui* de dentro do sujeito pós-verbal produz uma sentença deteriorada, se o verbo é um intransitivo como *telefonare*; resultado semelhante se observa em (26b) com a extração do clítico *ne*. Se a expressão WH ou o clítico fossem extraídos de dentro de um objeto as sentenças seriam gramaticais:

(27) a. Il giornale di cui<sub>i</sub> Gianni ha visto [il direttore t<sub>i</sub>]

“O jornal do qual Gianni tem visto o diretor”

b. Gianni ne<sub>i</sub> ha visto [il direttore t<sub>i</sub>]

“Gianni dele(cl) tem visto o diretor”

### 2.1.2 A interpretação do sujeito em FI

Belletti (2001) afirma que existem interpretações distintas para o foco de acordo com a área da sentença em que ele se localiza: se está na periferia esquerda, ele é interpretado como foco contrastivo/corretivo; se está na periferia esquerda do

---

Em (ia) o movimento do IP sobre o sujeito deixa o clítico *en* em uma posição de onde não pode c-comandar seu vestígio, por isso a agramaticalidade da sentença. Em (ib), a extração de *combien* via movimento WH é apropriada, pois *combien* se desloca para Spec de CP de onde c-comanda a variável.



VP, é interpretado como foco de informação. Assim, o sujeito pós-verbal em FI é foco de informação, tal como em (28):

- (28) a. Chi é partito/ha parlato?  
“ Quem partiu/falou?”
- b. È partito/ha parlato Gianni  
“ É partido/tem falado Gianni
- c. # Gianni è partito/ha parlato  
“ Gianni é partido/tem falado

Em (28b) *Gianni* é o valor atribuído à variável vinculado pela expressão *Wh chi*. Entretanto, (28c) não é uma resposta adequada porque a posição pré-verbal que *Gianni* ocupa tem um conteúdo informacional diferente da posição pós-verbal.<sup>5</sup> (28b) também é uma resposta apropriada para uma pergunta como (29):

- (29) Che cosa è successo?  
“ O que é acontecido?”

Nesse caso toda a sentença (28b) é focalizada, ou seja, trata-se de foco largo, e *Gianni* também veicula informação nova.

---

<sup>5</sup> Note que nem sempre o sujeito pós-verbal é interpretado como foco, como vemos em (i):

- (i) a. Che cosa ha poi fatto Gianni?  
“ Que coisa tem por fim feito Gianni?”  
b. Ha poi parlato, Gianni

De qualquer forma, o sujeito tem que ser baixo em FI. Se fosse alto, a interpretação de foco de informação seria perdida. Sendo assim, não se poderia pensar que sentenças como a de (30a) tivesse a representação ilustrada em (30c) em que *alcun linguista* subisse para o Spec de FocP e que o IP remanescente se movesse por cima dele para Spec de TopP.

- (30)
- a. Non parlerà alcun linguista  
“ Não falará nenhum linguista”
  - b. \*Alcun linguista non parlerà
  - c. [<sub>TopP</sub> [<sub>IP</sub> Non parlerà] [<sub>FocP</sub> alcun linguista [ t<sub>IP</sub> ]]]
  - d. [<sub>IP</sub> [<sub>I</sub> Non parlerà] [<sub>FocP</sub> alcun linguista ...]]

Se a derivação fosse a sugerida em (30c), o item de polaridade negativa (IPN) *alcun linguista* não seria c-comandado pelo seu licenciador *non*, já que este item estaria encaixado dentro do IP. Se, em vez disso, a representação de (30a) fosse (30d), a condição de c-comando ficaria preservada já que I, que é o irmão da categoria que contém *alcun linguista*, é preenchido por *non parlerà*. (30b) é agramatical porque o IPN está mais alto na estrutura que o seu licenciador *non*<sup>6</sup>.

Belletti conclui que o sujeito em FI no italiano não pode preencher o Spec do FocP que está na periferia esquerda da sentença. Essa posição está associada à

---

*Gianni* é interpretado como tópico por já estar presente na pergunta. Além disso, *Gianni* é pronunciado com uma entonação descendente, como indica a vírgula.

<sup>6</sup> Uma derivação como (30d) não seria adequada para SI em francês já que (i) é agramatical:

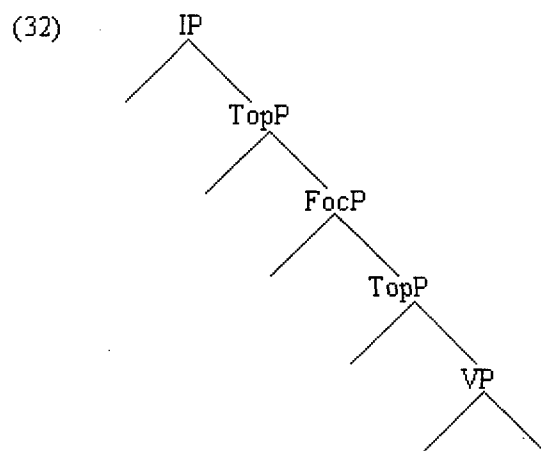
(i) \*Le jour où ne sont pas venus de linguistes

A derivação de (i) é semelhante a (30c) com IP remanescente [*ne sont pas venus*] sendo movido por cima de *de linguistes*.

interpretação de foco contrastivo/corretivo e a uma entonação especial. De fato, uma sentença com sujeito pré-verbal não pode responder a uma pergunta Wh como:

- (31) a. Chi è partito?  
 “Quem é partido”  
 b. \*GIANNI è partito  
 “Gianni é partido”

Sabemos que um constituinte é interpretado como foco quando está em uma relação Spec/núcleo com um núcleo dotado do traço [+ foco]. Se o sujeito em FI não pode preencher o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença, deve existir outra categoria FocP dentro do IP que possibilite a interpretação desse sujeito como foco. Assim, Belletti postula uma categoria FocP situada logo acima do VP. Como pode existir na área acima do VP, além do constituinte interpretado como foco, constituintes interpretados como tópico, a autora propõe o esquema em (32):



O esquema em (32) reproduz parcialmente a proposta de Rizzi(1997) formulada para o CP.

## 2.2 A ordem VSXP: VSO versus VSPP

Belletti (2001) mostra que no italiano existe contraste entre construções com a ordem VSO e VSPP, como em (33):

- (33) a. (?) Ha telefonato Maria al giornale<sup>7</sup>  
“Tem telefonado Maria ao jornal”  
b. \* Ha comprato Maria il giornale  
“Tem comprado Maria o jornal”  
c. (?) Ha sparato il bandito al carabiniere  
“Tem disparado o bandido ao policial”  
d. \* Ha colpito il bandito il carabiniere  
“Tem ferido o bandido o policial”

A diferença crucial entre (33a,c) e (33b,d) é que no primeiro par o que segue o sujeito é um PP e, no segundo, é um DP. O fato de as sentenças (33b,d) serem agramaticais advém da necessidade do DP objeto de checar seu caso<sup>8</sup>. Essa ordem não

---

<sup>7</sup> A presença de ? se deve ao fato de que o foco ocupa preferencialmente a última posição na sentença.

<sup>8</sup> Quanto ao fato da ordem VSO ser possível em outras línguas românicas, como o espanhol, Belletti (2001) propõe duas alternativas para solucionar o problema: a) essas línguas dispõem de uma outra posição de sujeito mais alta na estrutura do que a posição de foco que hospeda o sujeito em italiano. Devido a não interferência do sujeito entre o verbo e o objeto não há problemas na checagem de caso do

é possível porque o DP só pode checar seu caso fora do VP em uma posição mais alta do que a projeção FocP, que hospeda o sujeito pós-verbal, violando a Minimalidade Relativizada (RM): a relação do DP objeto com o checador de caso não pode ser estabelecida devido a intervenção do sujeito. Por outro lado, como nenhuma relação externa ao VP é requerida para a checagem de caso do PP, já que o caso do DP é checado dentro do PP, não existe violação da RM e por isso as sentenças (33a,c) são gramaticais.

As sentenças em (33), que devem ser pronunciadas com uma entonação contínua, são interpretadas como foco largo, respondendo a uma pergunta como *O que aconteceu?*. Entretanto, o PP pode ser tópico em sentenças que dispõem da ordem VSPP, desde que associado a uma entonação descendente, como indicado pela vírgula em (34):

- (34) a. Chi ha sparato al carabiniere?  
“ Quem tem disparado ao policial”
- b. Ha sparato il bandito, al carabiniere  
“ Tem disparado o bandido, ao policial”

Em (34b) o sujeito *il bandito* preenche a posição de Spec de FocP enquanto que o PP *al carabiniere* preenche a de Spec de TopP.

Belletti afirma que a aceitabilidade das sentenças VSXP melhora se o XP é um DP objeto direto como em (35):

---

DP objeto; a ordem VSO é permitida porque o objeto pode checar seu caso dentro do VP, paralelo ao que acontece em VSPP no italiano (notar que o objeto direto em espanhol pode ser preposicionado).

- (35) a. L'ha comprato Maria, il giornale  
“Cl tem comprado Maria, o jornal”  
b. Ha comprato Maria, il giornale  
“Tem comprado Maria, o jornal”

(35a) é um caso de deslocamento à direta com clítico (CLRD), (35b) é um caso de marginalização (*emarginazione*). Entretanto, só sentenças do tipo CLRD respondem a perguntas do tipo (36A):

- (36) A: Chi ha comprato il giornale?  
“Quem comprou o jornal”  
B: a. L'ha comprato Maria, il giornale  
“cl comprou Maria, o jornal”  
b. \* Ha comprato MARIA, il giornale  
“Tem comprado Maria, o jornal”

No caso de *emarginazione* (36Bb) a resposta não é adequada porque o sujeito pós-verbal obrigatoriamente é foco do tipo contrastivo. No entanto, já que (36Ba) responde adequadamente a pergunta, a autora deduz que o sujeito pós-verbal *Maria* pode ser um foco de informação.

A questão é explicar por que o VSO das sentenças (33b,d) resulta em agramaticalidade e o das sentenças em (35) resulta em gramaticalidade. Ou ainda, por que só em (33b,d) a interferência do sujeito entre o verbo e o objeto prejudica a checagem de caso do objeto?

No que se refere a (35a), é o clítico *lo* que salva a estrutura: ele é alçado para uma posição mais alta do que o sujeito, deixando para trás o objeto. O sujeito *Maria*, foco de informação, preenche o Spec de FocP seguido por *il giornale* que ocupa o especificador de TopP mais baixo da sentença. Quanto a (35b), a interferência não existe porque, sendo o sujeito interpretado como foco contrastivo, ele só pode ocupar a posição de Spec de FocP na periferia esquerda da sentença.

Uma última particularidade sobre a ordem VSO em italiano aparece quando o sujeito é um pronome pessoal:

- (37) a. Di quel cassetto ho io le chiave  
“ De qual gaveta tenho eu as chaves”  
b.\* Di quel cassetto ha Maria le chiave

(37b) só pode ser gramatical com uma entonação/interpretação contrastiva/corretiva sobre o sujeito pós-verbal *Maria*, enquanto que em (37a) nenhuma entonação/interpretação especial sobre o pronome *io* é exigida. O contraste entre a posição do pronome pessoal e do DP lexical sugere que o primeiro deve ocupar uma outra posição mais alta no domínio pós-verbal da qual o DP lexical é excluído. Dessa forma, nenhuma interferência ocorre entre o verbo e o objeto, e este último pode checar seu caso. Observe (38) onde o sujeito lexical deve seguir advérbios baixos enquanto o pronome deve precedê-los:

- (38) a. Di questo mi informerò io bene  
“ Disso me informarei eu bem”

b. \*?Di questo si informerò Maria bene

“Disso se informará Maria bem”

c. Spiegnerà lei completamente al direttore

“Explicará ela completamente ao diretor”

d. \*? Spiegnerà Maria completamente al direttore

“Explicará Maria completamente ao diretor”

Agora, se o advérbio preceder o sujeito pronominal, este receberá necessariamente uma interpretação contrastiva/corretiva, como (39):

(39) Di questo mi informerò bene IO (non tu)

“Disso me informarei bem eu ( não tu)

Dessa forma, o sujeito em (39) preenche uma posição mais alta de foco e a sentença está associada à representação que envolve movimento remanescente do IP sobre o sujeito pós-verbal, como em (36)Bb, discutido acima.

### 2.3 A ordem VOS

A ordem VOS é possível em italiano em um contexto especial , isto é, quando a seqüência VO é o tópico como vemos em (40):

(40) a. ?? Capirà il problema Gianni

“Compreenderá o problema Gianni

b. ?? Ha chiamato Maria Gianni



“Tem chamado Maria Gianni”

As sentenças em (40) são possíveis respostas para as perguntas em (41):

(41) a. Chi capirà il problema?

“Quem compreenderá o problema”

b. Chi ha chiamato Maria?

“Quem tem chamado Maria”

Entretanto, respostas mais naturais para (41) são as de (42) paralelas as de (40):

(42) a. Lo capirà Gianni

“cl compreenderá Gianni

b. L’ha chiamata Gianni

“cl tem chamado Maria

A diferença entre (40) e (42) é que na primeira, parte do VP, VO, é repetido palavra por palavra, enquanto que em (42), o objeto direto não é repetido mas pronominalizado. A forte marginalidade de (40) marcada por ‘??’ e a total aceitabilidade de (42) indicam que o objeto não pode permanecer na posição em que checa seu caso. O objeto transita através da posição de caso, mas não estaciona ali. Se o objeto deixar a posição de caso vazia, como acontece quando ele é um clítico, a estrutura é boa. Com isso, observamos que o constituinte que contém a sequência VO em (40) é interpretado como tópico e preenche a posição alta de tópico à esquerda da

posição interna de foco. O sujeito preenche o Spec de FocP interno ao IP, isto é, a posição de foco de informação. O que acontece em (40) pode ser ilustrado como um tipo de topicalização remanescente interna à oração. Esse processo, por ser mais custoso que o da cliticização do objeto, é a razão dos ‘??’ em (40).

#### **2.4. O sujeito pós-verbal pode ser tópico**

O sujeito pós-verbal em italiano também pode ser interpretado como tópico em alguns casos. Sendo assim, preenche a posição baixa de tópico logo abaixo da categoria FocP interna ao IP. Quando o sujeito é tópico, recai sobre ele uma entonação decrescente (indicada pela vírgula), como em (43b):

(43) a. Che cosa farà Gianni?

“ O que fará Gianni?”

b. Partirà, Gianni

#### **2.4 Sujeito pós-verbal em interrogativas Wh**

As sentenças interrogativas Wh, em italiano, requerem que o sujeito seja pós-verbal, como sugere o contraste em (44):

(44) a. Che cosa ha detto Gianni?

“ O que disse Gianni?”

b. \* Che cosa Gianni ha detto?

Para explicar o fato de o sujeito não poder estar entre a expressão Wh e o verbo finito, pode-se admitir que o sujeito impede que se verifique o Critério Wh que deve se sustentar entre o Spec de CP, preenchido pela expressão Wh, e o núcleo, preenchido pelo verbo finito.

No que diz respeito ao sujeito pós-verbal em (44a), observamos que ele não pode ser interpretado como foco. Tomemos os exemplos em (45), onde Belletti construiu uma sentença com uma expressão Wh e um foco, ambos na periferia esquerda da sentença:

- (45) a. \* Che cosa A GIANNI hai detto?  
b. \* A GIANNI che cosa hai detto?

A agramaticalidade de (45) de acordo com Rizzi (1997) se deve ao fato de que expressões Wh disputam a mesma posição com um foco contrastivo: o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença. Como essa posição é única, a sentença não pode conter simultaneamente uma expressão Wh e um foco de contraste.

Entretanto, reconsiderando (44a), poderíamos esperar que o sujeito preenchesse a posição de foco interna à sentença e que nenhuma incompatibilidade se verificasse entre ele e a expressão Wh, essa última ocupando o Spec de FocP da periferia esquerda da sentença. Isso não pode ocorrer devido à restrição de um único foco por sentença (ver seções 1.3.3 e 1.3.4). Assim, podemos concluir que sujeitos pós-verbais em sentenças interrogativas como (44a) não podem ser foco, devendo ocupar a posição de Spec de TopP interna à sentença.

Belletti dispõe ainda de uma evidência que permite confirmar que o sujeito pós-verbal em interrogativas é tópico e não foco, como podemos ver através do contraste em (46) envolvendo configurações de WCO:

(46) a. \*? Attualmente, in suo<sub>i</sub> appartamento vive Gianni<sub>i</sub>

“ Atualmente, no seu apartamento vive Gianni”

b. Attualmente, in quale suo<sub>i</sub> appartamento vive Gianni<sub>i</sub>?

(46a) mostra que ocorrem efeitos de WCO induzido pelo sujeito pós-verbal, enquanto que em (46b) nenhum efeito de WCO é verificado. Como sabemos que é o foco que sofre efeitos de WCO, mas não o tópico, deduzimos que a impossibilidade de (46a) se deve ao fato de o sujeito ser interpretado como foco. O fato de tal efeito não ocorrer em (46b) evidencia que o sujeito pós-verbal em sentenças interrogativas não é focalizado mas topicalizado.

Resumindo a seção 2 podemos dizer que há dois tipos distintos de foco: o que ocupa o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença marcado por uma entonação especial e interpretado como foco de correção/contraste; e o que ocupa o Spec de FocP interno ao IP sem entonação especial e interpretado como foco de informação.

Na área interna do IP encontramos diferentes posições como de foco e tópico. Essas posições são preenchidas por constituinte focalizados ou topicalizados que checam seu traço [+foco/tópico] contra o núcleo [+foco/tópico].

Em relação à inversão do sujeito focalizado, temos dois processos aparentemente idênticos, mas estruturalmente distintos. O primeiro, FI, envolve o movimento do verbo para I passando por cima do sujeito; o segundo, SI, o sujeito é

movido para fora do IP, para uma posição dentro do CP e o IP remanescente é movido sobre o sujeito para uma posição ainda mais alta dentro do CP. O sujeito em FI é baixo enquanto que em SI ele é muito alto.

## CAPÍTULO III

### **0. Introdução**

Nesse capítulo pretendemos realizar uma descrição e análise das sentenças que contêm foco no PB. A análise que iremos propor será fundamentada pelos textos de Rizzi (1997) e Belletti (2001) resenhados no capítulo anterior. Primeiro vamos tratar das distinções estruturais entre foco e tópico no português brasileiro. Em seguida, faremos uma análise de sentenças com o objeto focalizado. Finalmente, faremos a mesma análise das estruturas com o sujeito focalizado.

### **1. Tópico e Foco: algumas distinções estruturais no PB**

Vamos procurar nessa seção descrever os aspectos referentes à distinção da natureza de tópico e foco para o português brasileiro. Consideraremos as cinco diferenças básicas já discutidas no capítulo anterior.

#### **1.1. Relação com o pronome resumptivo**

O português brasileiro, diferente de outras línguas românicas, como o italiano, p.e, não possui um sistema produtivo de clíticos. Ainda que os clíticos sejam usados com certa frequência em primeira e segunda pessoa, em terceira pessoa o uso se restringe à escrita. Os clíticos de terceira pessoa são indispensáveis para estruturar construções de tópico do tipo

CLLD (*Clitic Left Dislocated*) (Cinque, 1990), discutidas no capítulo anterior para o italiano. Por isso, no PB não encontramos construções de tópico do tipo CLLD.

No entanto, o PB utiliza um pronome tônico no lugar do clítico. O elemento topicalizado pode ser retomado por um resumptivo co-referencial, como em (1a):

- (1) a. O Pedro<sub>i</sub>, a Maria encontrou ele<sub>i</sub>  
b. O Pedro<sub>i</sub>, a Maria encontrou t<sub>i</sub>  
c. [O Pedro<sub>i</sub> Op<sub>i</sub> [a Maria encontrou t<sub>Op</sub> ]

Em (1a), temos um exemplo de tópico pendente (*hanging topic*), conforme Miotto (1999). Além disso, o PB permite que um objeto topicalizado tenha co-referencialidade com uma categoria vazia, como acontece em (1b).

Porém, na articulação foco-suposição o elemento assinalado pelo acento focal tem que ser retomado por uma categoria vazia e não admite ser retomado por pronomes resumptivos.

- (2) a. O TEU LIVRO<sub>i</sub> eu li t<sub>i</sub> (não o da Maria)  
b. \*O TEU LIVRO<sub>i</sub> eu li ele<sub>i</sub> (não o da Maria)  
c. [O TEU LIVRO<sub>Op</sub> [eu li t<sub>Op</sub>]]

Rizzi (1997) afirma que o vazio que retoma o foco é uma variável e a cadeia formada não envolve nenhum elemento intermediário, como mostrado em (2c). Já o vazio que retoma um tópico não pode ter essas propriedades, sendo definido como uma constante nula. A forma de representar a cadeia de tópico envolve um operador nulo, que é anafórico do tópico, e uma constante nula t<sub>Op</sub>, como em (1c). O operador nulo faz o meio de campo

entre o tópico e a constante nula de modo semelhante ao que faz o clítico nas CLLD do italiano.

## 1.2. Quantificadores nus

Outra diferença marcante entre tópico e foco diz respeito aos quantificadores nus. Expressões quantitativas como *ninguém* e *tudo* não são compatíveis com tópico (veja que não podem ser retomadas por pronomes resumptivos em (3)). Entretanto, não se verificam restrições para focalização desses quantificadores, como podemos observar em (3) e (4), conforme já apontou Rizzi (1997):

- (3) a. \*Ninguém<sub>i</sub>, a Maria viu ele<sub>i</sub>  
b. \*Tudo<sub>i</sub>, a Maria gosta de fazer ele<sub>i</sub>
- (4) a. NINGUÉM a Maria viu  
b. TUDO a Maria gosta de fazer

Esta diferença entre tópico e foco pode ser diretamente derivada do fato de apenas o foco ter propriedades quantitativas. Mesmo que no lugar do pronome em (3) houvesse um vazio, as sentenças não seriam possíveis porque não caberia constante nula ali.

## 1.3. Compatibilidade com WH

As expressões WH são compatíveis com um tópico, como vemos em (5):

- (5) Para o João, o que você falou?



Entretanto, com um foco, esses operadores são incompatíveis, como em (6):

(6) \*PARA O JOÃO o que você falou (,não para o Pedro)?

A sentença de (6) é agramatical porque, como vimos no capítulo anterior e como veremos mais adiante, o foco e a expressão Wh disputam a mesma posição na sentença.

#### 1.4. Um foco por sentença

Outra observação relacionada às diferenças entre tópico e foco, confirmando Rizzi, é que uma sentença pode conter vários tópicos e somente um foco. A diferença pode ser explicada se se considera que existe apenas uma posição estrutural para alojar o foco. Vejamos a seguir (7):

(7) a. O livro, para o João, amanhã eu darei sem falta

b. \*ONTEM O LIVRO a Maria deu para o João ( não hoje a revista)

c. \*Foi ONTEM O LIVRO que a Maria deu para o João

Em (7a), o fato de termos três tópicos não implica na agramaticalidade da sentença. Em (7b) e (7c), os dois focos *ontem* e *o livro* fazem com que as sentenças sejam agramaticais.

## 1.5 Efeitos de cruzamento fraco (*weak crossover*)

Outra diferença entre tópico e foco aparece quando observamos os efeitos do cruzamento fraco (WCO). Enquanto o tópico não reage ao efeito de WCO, como em (8a), com o foco seus efeitos são detectáveis, embora menos sensíveis do que em outras línguas, como vemos em (8b):

- (8) a. Do João<sub>i</sub>, o pai dele<sub>i</sub> gosta muito t<sub>i</sub>  
b. ?DO JOÃO<sub>i</sub> o pai dele<sub>i</sub> gosta muito t<sub>i</sub> (não do Pedro)

Observamos que em (8a) o tópico *João* pode estar co-indexado com o pronome *dele*. Entretanto em (8b), a co-indexação entre *João* e *dele* produz uma sentença com certo grau de inaceitabilidade. Isso acontece porque o foco tem propriedades quantificacionais e tópico não.

## 2. A Focalização do objeto

Nesta seção, para facilitar a exposição, abordaremos apenas sentenças que envolvem a focalização do objeto direto pois nesta situação fica explícito quando houve o movimento do constituinte. Desta forma, pretendemos adiar as complicações provenientes da focalização do sujeito no PB para a próxima seção.

## 2.1. Foco *in situ*: SVO (VO)

Tradicionalmente considera-se que existe foco *in situ* quando o constituinte focalizado aparece na sua posição canônica de sujeito, objeto, etc. Esta concepção neutraliza diferenças que podem ser apontadas entre as sentenças de (9), onde o que está sendo focalizado é o objeto direto<sup>1</sup>:

- (9) a. O Pedro beijou a Maria  
b. O Pedro beijou A MARIA

Entretanto, distinções fonológicas e semânticas são visíveis em (9). Ao considerarmos a fonologia, notamos que sobre o constituinte focalizado *a Maria* em (9a) não recai nenhum tipo de acento especial, mas este acento existe em (9b). Em relação ao significado, (9a) e (9b) também são diferentes: na primeira, o constituinte focalizado expressa simplesmente a informação nova de que a pessoa beijada pelo Pedro foi a Maria. Representamos esse tipo de foco pelo traço [+foc<sub>1</sub>]. Na segunda, existe mais informação além de a Maria ser a pessoa que o Pedro beijou: há implícito um contraste que envolve Maria e outro alguém qualquer que não foi beijado por Pedro. Esse tipo de foco será representado pelo traço [+foc<sub>2</sub>]. Podemos comprovar que (9a) e (9b) são semanticamente distintas se observarmos que (9a) responde a

---

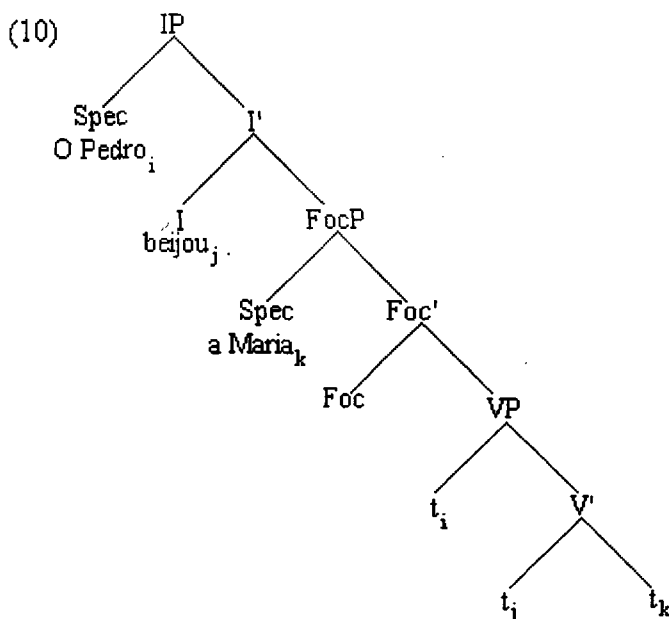
<sup>1</sup> As sentenças de (9) podem ter uma versão com o sujeito apagado:

- (i) a. Beijou a Maria  
b. Beijou A MARIA

Como a análise de (9) se estende a (i), não vamos nos deter nestas sentenças.

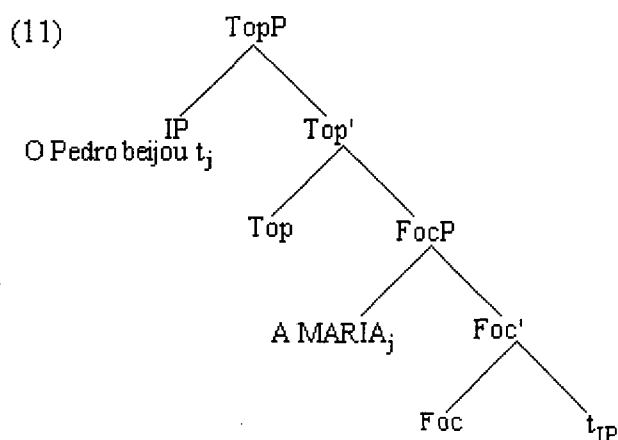
uma pergunta como *Pedro beijou quem?* enquanto (9b) é em princípio uma resposta estranha, visto que fornece mais informação do que a pergunta requer.

Belletti (2001) afirma que as diferenças fonológicas e semânticas implicam estruturas sintáticas distintas. Para (9a) a estrutura seria aquela em que o objeto focalizado preenche o Spec de FocP interno ao IP. A sua representação seria como em (10):



*O Pedro* se moveu para o Spec de IP para checar seu caso nominativo; o verbo *beijou* subiu para I para checar os traços de tempo; e, sem considerar a checagem de acusativo, *a Maria* subiu para o Spec de FocP para checar o traço [+foc<sub>1</sub>] contra o núcleo Foc°. Se queremos manter a designação de foco *in situ*, (10) deve ser o caso.

As diferenças fonológicas e semânticas que (9b) apresenta em relação à (9a) são traduzidas numa estrutura sintática como (11):



Primeiro, o objeto *a Maria* é alçado para posição de Spec de FocP na periferia esquerda da sentença, onde terá os traços [+foc<sub>2</sub>] checados contra o núcleo Foc°. É nessa posição que temos a interpretação do foco contrastivo. Depois, o IP remanescente *O Pedro beijou* se movimenta por cima do objeto para o Spec de TopP, onde vai checar o traço [+top] contra Top°, do que deriva a sua interpretação de informação dada. Se a derivação (11) é adotada para (9b), não podemos mais considerar que o objeto represente um caso de foco *in situ*. Dessa forma, aplicamos a designação de foco *in situ* ao foco de informação, que checa o traço [+foc<sub>1</sub>] dentro do IP.

Vamos admitir que o que motiva o deslocamento do constituinte focalizado para o Spec de FocP é o Critério Foc (ver Rizzi (1996 e 1997), que se aplica na SS:

#### Critério Foc

- (i) Um foco deve estar em configuração Spec/núcleo com X° marcado pelo traço [+Foc].
- (ii) Um núcleo Foc° marcado pelo traço [+Foc] deve estar em configuração Spec/núcleo com um foco.

Para saber em qual dos dois FocPs se verifica a relação Spec/núcleo, é preciso verificar qual dos traços [+foc] é ativado na sentença: se [foc<sub>1</sub>], então o FocP relevante é o da periferia esquerda do VP; se [foc<sub>2</sub>], então o FocP relevante é o da periferia esquerda da sentença. Como existe a restrição de um foco por sentença, não pode acontecer a situação em que os dois FocPs sejam ativados para uma mesma sentença.

## 2.2. Foco deslocado

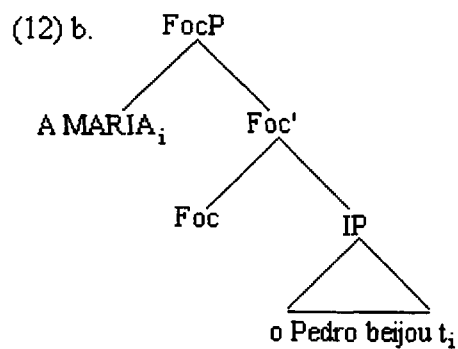
Um constituinte focalizado pode aparecer deslocado na periferia esquerda da sentença. Quando esse constituinte se localiza nessa posição, associa-se a ele traços [+contraste e/ou +exaustividade]. Nos nossos termos, o constituinte é deslocado para o Spec de FocP para checar o traço [foc<sub>2</sub>] contra o núcleo Foc<sup>o</sup>, atendendo assim o Critério Foc. Assim, esse tipo de foco é interpretativamente diferente do “verdadeiro” foco *in situ*. A generalização de Belletti (2001) é que a cada um dos tipos de foco é associada uma posição específica. O constituinte com traços [+contraste/exaustividade], quer esteja explicitamente à esquerda ou não encontra-se sempre em Spec de FocP na periferia da sentença.

### 2.2.1. OSV

Um tipo de construção em que o foco aparece na periferia esquerda pode ser caracterizado como OSV (continuamos a focalizar o objeto pois isso deixa explícito que ele está deslocado). O contorno fonológico de uma sentença do tipo OSV tem um pico acentual obrigatório sobre O, como representam as maiúsculas em (12a):

(12) a. A MARIA o Pedro beijou

A derivação de (12a) é ilustrada por (12b).



Vamos considerar ainda o tipo OSV envolvendo sentenças encaixadas.

Começaremos com a sentença encaixada declarativa em (13) e a interrogativa sim/não em (14):

(13) a. O João disse que o Pedro deu para a Maria AS FLORES/ as flores (não os vasos)

b. O João disse que AS FLORES/ \*as flores o Pedro deu para a Maria (não os vasos)

c. AS FLORES/ \*as flores o João disse que o Pedro deu para a Maria (não os vasos)

(14) a. O João perguntou se o Pedro deu para a Maria AS FLORES/ as flores (não os vasos)

- b. O João perguntou se AS FLORES/ \*as flores o Pedro deu para a Maria (não os vasos)
- c. AS FLORES/ \*as flores o João perguntou se o Pedro deu para a Maria (não os vasos)

Observamos em (13) e (14) que o constituinte focalizado *as flores* pode aparecer em várias posições se ele for foco contrastivo. Se for foco de informação ele não pode estar nem no Spec do FocP encaixado nem no Spec de FocP matriz.

A derivação de (13a) e (14a) com foco contrastivo envolve dois movimentos para periferia esquerda da sentença encaixada: o de *as flores* para o Spec de FocP e o do IP remanescente Spec de TopP<sup>2</sup>. A derivação de (13b) e (14b) é menos complexa porque envolve apenas o movimento do constituinte *as flores* para o Spec de FocP para periferia esquerda da sentença encaixada. Por fim, (13c) e (14c) são derivadas por meio do movimento de *as flores* para o Spec de FocP da periferia esquerda da sentença matriz.

Se observarmos o que acontece com interrogativas Wh encaixadas como (15), vai aparecer uma assimetria em comparação com (13) e (14):

- (15) a. O João perguntou para quem o Pedro deu AS FLORES (não os vasos)
- b. \*? O João perguntou para quem AS FLORES o Pedro deu (não os vasos)
- c. AS FLORES o João perguntou para quem o Pedro deu (não os vasos)



A agramaticalidade de (15b) pode ser atribuída ao fato de o CP intermediário não dispor de uma posição para alojar o foco. De acordo com Rizzi (1997), as expressões Wh e o foco disputam a mesma posição na estrutura. O Spec de FocP da periferia esquerda da sentença encaixada tem que estar destinado para a expressão Wh *para quem* pois o verbo *perguntar* seleciona um CP interrogativo: se não fosse assim, as propriedades de seleção não seriam respeitadas. Por isso, o constituinte focalizado *as flores* não tem espaço no CP encaixado.

Admitindo que o que foi dito acima está correto, devemos concluir que a derivação de (15a) não pode ser paralela a de (13a) e (14a). Não deve ser o caso em que *as flores* se moveu para o Spec de FocP intermediário e o IP remanescente encaixado se moveu para o Spec de TopP. A representação para (15a) deve ser semelhante a da nota de rodapé 1: primeiro *as flores* se move para o Spec de FocP da periferia esquerda da sentença matriz; depois o IP matriz remanescente se move para o Spec de TopP.

(15c), paralelamente a (13c) e (14c), envolve o movimento do constituinte focalizado para periferia esquerda da sentença matriz. A gramaticalidade de (15c) leva à conclusão de que o foco, assim como a expressão Wh, pode ser extraído de uma ilha interrogativa.

Outro fato que aproxima a expressão Wh do constituinte focalizado é a assimetria que se observa na extração de argumentos e adjuntos de ilhas interrogativas:

---

<sup>2</sup> Pode-se imaginar uma outra derivação alternativa em que os dois movimentos têm como alvo a periferia esquerda da sentença matriz.

- (16) a. \*Quando<sub>i</sub> João perguntou [que livro a Maria leu t<sub>i</sub>]  
 b. Que livro<sub>i</sub> João perguntou [quando a Maria leu t<sub>i</sub>]  
 c. \*ONTEM<sub>i</sub> João perguntou [que livro a Maria leu t<sub>i</sub>]  
 d. O LIVRO<sub>i</sub> João perguntou [quando a Maria leu t<sub>i</sub>]

Como é tradicionalmente explicado, um adjunto, quer seja uma expressão Wh quer seja um foco, não pode ser extraído de uma ilha interrogativa porque viola o princípio das categorias vazias, como vemos nas sentenças agramaticais (16a) e (16c); já um argumento pode ser extraído porque seu vestígio é regido apropriadamente, como mostra a gramaticalidade de (16b) e (16d).

### 2.2.2. O *que* SV

A estrutura O *que* SV difere da OSV pela presença do complementizador *que* que nós admitiremos que preenche o núcleo Foc°. Os padrões fonológico e semântico continuam inalterados: o constituinte focalizado tem proeminência acentual e é interpretado como foco contrastivo. Dessa forma, (17b) não é uma resposta adequada para (17a).

- (17) a. Quem a Maria beijou?  
 b. O PEDRO que a Maria beijou

Por outro lado, (18b) é adequado em um contexto em que se corrige a afirmação em (18a) de que Pedro tenha sido beijado por Maria.

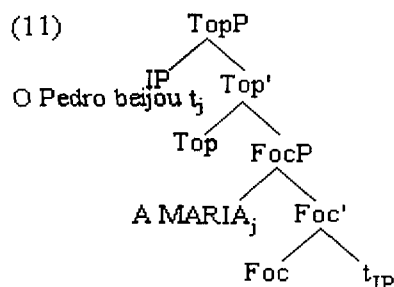
- (18) a. A Maria beijou o Pedro  
 b. (Não,) O JOÃO que a Maria beijou (não o Pedro)

Embora a presença do complementizador *que* não traga alteração na forma de pronunciar e interpretar o foco, vamos observar algumas conseqüências para forma como a sentença pode se estruturar. Recordemos que a estrutura OSV em (12) tem uma contraparte SVO em (9b). Para derivar OSV aplica-se apenas o movimento do objeto focalizado para periferia esquerda da sentença; para derivar SVO temos dois movimentos para periferia esquerda: o do objeto focalizado e do IP remanescente.

A presença do complementizador *que* altera essa situação de duas formas. Primeiro, não é possível a estrutura *que* SVO paralela a SVO, como mostra a agramaticalidade de (19):

- (19) \*Que o Pedro beijou A MARIA

Não se pode considerar que o constituinte focalizado *a Maria* esteja *in situ* porque ele tem que ser interpretado como foco contrastivo<sup>3</sup>. Também não pode estar em Spec de FocP na periferia esquerda porque esta posição se localiza à esquerda do *que* que preenche Foc<sup>o</sup>. Assim, (19) não pode ser derivada como (11), aqui repetido:



<sup>3</sup> Ver na seção sobre *ser O que SV* a razão pela qual não pode ser gramatical um sentença como (i), com *o Pedro* sendo foco de informação:

(i) \*Que a Maria beijou o Pedro

Em segundo lugar, também não é possível a estrutura SVO *que* paralela a SVO como vemos em (20):

(20) \*O Pedro beijou A MARIA *que*

A derivação de (20) seria idêntica a (11): *a Maria* se move para o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença e o IP remanescente passa por cima do foco para alcançar o Spec de TopP. Não temos uma explicação satisfatória para a impossibilidade de (20), mas vamos avançar que um complementizador não pode ser explícito sendo o último item da sentença, isto é, se ele não realiza a função de introduzir um complemento.

Para (19), Miotto (1999) afirma que um núcleo do sistema CP dotado de um traço forte, quando lexicalizado, acarreta o preenchimento do especificador por um operador dotado do mesmo traço. Desta forma, se Foc<sup>o</sup> é preenchido pelo *que*, o constituinte focalizado não pode se manter *in situ*.

### 2.2.3. Clivada: *Ser O que SV*

No português brasileiro encontramos sentenças do tipo *ser O que SV*. Esse tipo de sentença é reconhecido como clivada quando O é interpretado como foco. Essa situação é exemplificada em (21):

- (21) a. Foi ESSE LIVRO *que* a Maria me deu de presente  
b. Foi esse livro *que* a Maria me deu de presente

Com relação à fonologia, o foco em (21) pode ser marcado ou não por um pico acentual. Quanto à interpretação semântica, Kiss (1998) afirma que uma clivada no inglês implica exaustividade, devendo o foco ser de identificação. No PB, parece que o foco da construção clivada também expressa identificação exaustiva, em princípio, mas a situação é um pouco mais delicada.

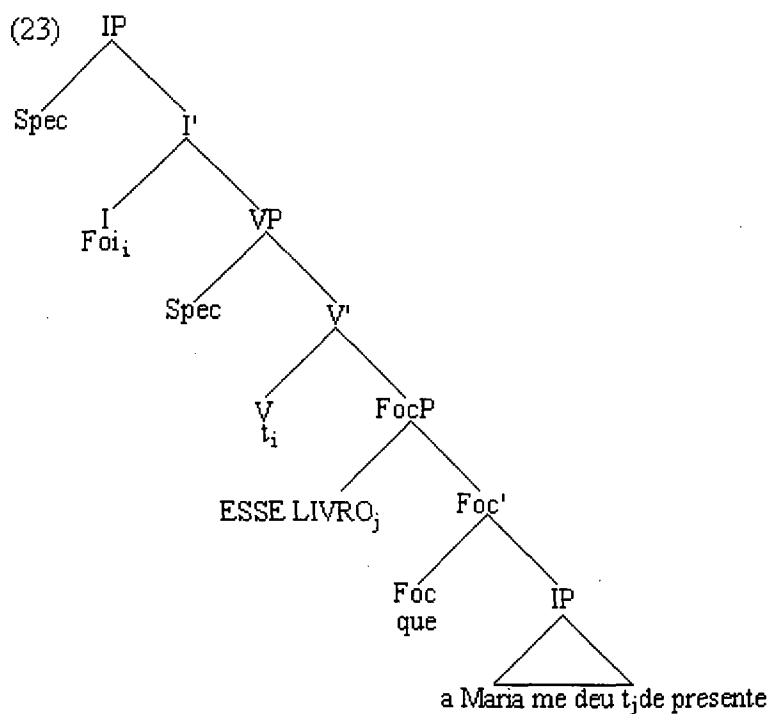
Quando marcado pelo pico acentual, o foco das clivadas é, além de exaustivo, contrastivo: (21a) não serve como resposta para uma pergunta como (22):

(22) Que livro foi que a Maria te deu de presente?

Agora, quando o foco não é marcado pelo acento, temos duas possibilidades. A primeira é aquela em que *esse livro* em (21b) é um foco de informação, já que responde uma pergunta Wh; mas responder com uma clivada é possível porque (22) é uma pergunta clivada, i.e., a informação requisitada por ela deve ser do tipo identificação exaustiva.

A segunda possibilidade é aquela em que (21b) não responde uma pergunta clivada. Para apresentar essa possibilidade, imaginemos uma situação em que uma pessoa que está observando uma estante de livros pega um livro e diz (21b). Nessa situação, o foco pode ser exaustivo sem implicar contraste.

Para representar a clivada em (21) adotamos (23) sugerida por Miotto (1999):



O verbo *ser* é um inacusativo que seleciona como complemento um FocP cujo núcleo é preenchido pelo complementizador *que*. *Esse livro* é movido para o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença encaixada para checar seu traço [+foc<sub>2</sub>] contra o núcleo Foc°.

Observemos que, quando temos uma sentença clivada, o constituinte focalizado, marcado com pico acentual ou não, não pode permanecer em outro lugar que não seja o Spec do FocP da periferia esquerda da sentença encaixada, como mostram as sentenças de (24):

- (24) a. \*Foi que a Maria me deu esse livro de presente  
 b. \*Foi que a Maria me deu ESSE LIVRO de presente

O Critério Foc vai ser o recurso que usaremos para explicar a agramaticalidade das sentenças de (24). A observação é que (24) contém sentenças agramaticais porque, em primeiro lugar, viola a cláusula (i) do Critério Foc: o operador [+foc] *esse livro* não está em relação Spec/núcleo com um núcleo [+foc]. Em segundo lugar, viola a cláusula (ii) porque tanto em (24a) como em (24b) vai existir um núcleo [+foc], preenchido pelo complementizador *que*, sem que haja um operador [+foc] em seu Spec.

#### 2.2.4. Clivada: O *ser que* SV

Outro tipo de sentença clivada é aquele em que o constituinte focalizado antecede a cópula, como exemplificamos em (25):

- (25) a. ESSE LIVRO foi que a Maria me deu de presente  
b. \*Esse livro foi que a Maria me deu de presente

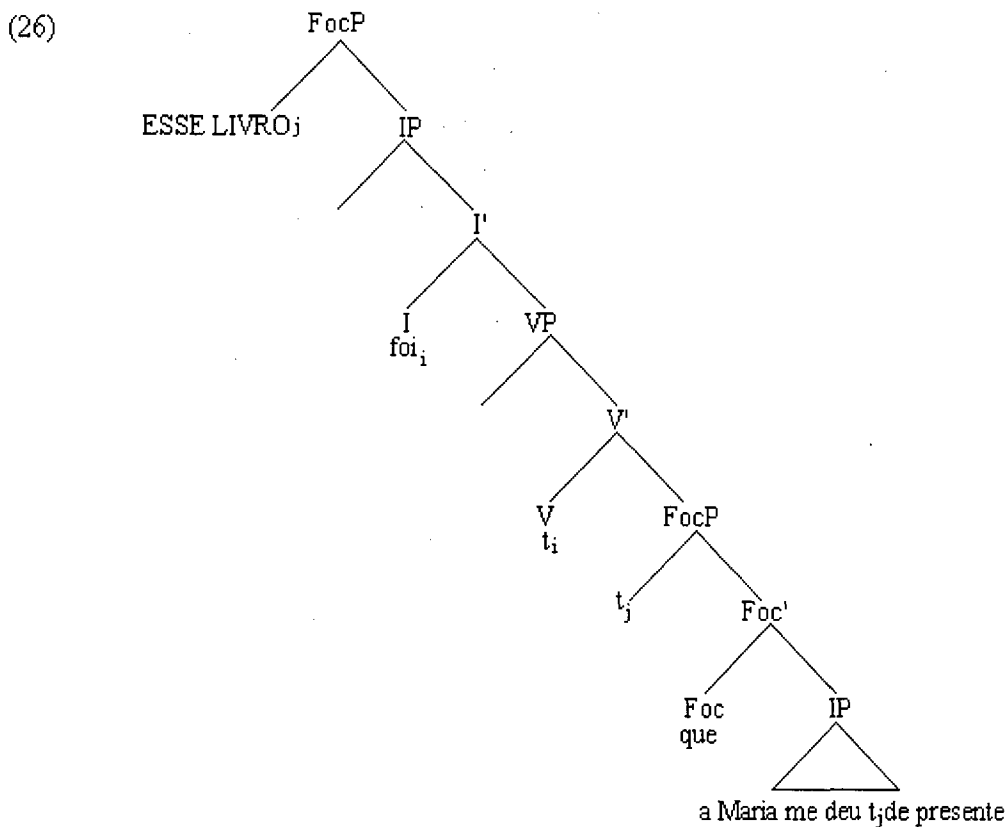
Este tipo de sentença reproduz o padrão fonológico das estruturas OSV e O *que* SV, pois apenas é gramatical aquela que tem um pico acentual em cima de *esse livro*. Também se repete a interpretação semântica que foi atribuída às estruturas OSV e O *que* SV: foco contrastivo.

Mioto & Figueiredo Silva (1995) afirmam que construções do tipo Wh *ser que* SV/Wh *que* SV não são equivalentes alegando que a primeira envolve ênfase enquanto a segunda equivale a uma pergunta ordinária. Se levamos em conta o que está sendo dito para as clivadas declarativas, podemos pôr a diferença observada por

aqueles autores em termos de uma pergunta que solicita identificação exaustiva (a clivada) e de outra que solicita apenas informação (a que não tem a cópula).

A estrutura sintática de (25) é semelhante à de (21) exceto por uma particularidade: o constituinte focalizado sofre um movimento a mais. Assim, *esse livro* deixa o Spec de FocP da sentença encaixada e vai para o da sentença matriz.

Isso está representado em (26)<sup>4</sup>:



<sup>4</sup> Mito (1999) dá um tratamento unificado para as interrogativas Wh e as focalizadas. O que não é considerado, ao derivar (26) de (23), é que o foco deixa o Spec do FocP selecionado sem prejuízo para a sentença, i.e., o movimento do constituinte focalizado não causa alteração nos traços da categoria selecionada. Veja que o mesmo movimento não pode ser aplicado para as expressões Wh nas interrogativas encaixadas, como vemos em (i):

- (i) a. O João perguntou que livro que a Maria me deu de presente
- (ii) b. \*Que livro o João perguntou que a Maria me deu de presente



### 2.2.5. Pseudo-clivada: Wh SV *ser* O

No PB temos construções do tipo Wh SV *ser* O denominadas pseudo-clivadas. Elas diferem das clivadas pelo menos em dois aspectos. O primeiro é que nas pseudo-clivadas a sentença encaixada é introduzida por uma expressão Wh relativa, como o *o que* em (27a)<sup>5</sup>, enquanto que nas clivadas o que introduz a sentença encaixada é o complementizador *que*, como em (27b):

- (27) a. ?Foi esse livro o que a Maria me deu de presente  
b. Foi esse livro que a Maria me deu de presente

O segundo aspecto é que apenas nas pseudo-clivadas a encaixada pode aparecer antes da cópula. É o que vemos nos exemplos em (28):

- (28) a. O que a Maria me deu de presente foi esse livro  
b. \* Que a Maria me deu de presente foi esse livro

No plano semântico, a pseudo-clivada se distingue da clivada, de acordo com Krug de Assis (2001), porque a primeira pode responder adequadamente a uma pergunta Wh ordinária, como vemos em (29):

- (29) a. O que João comeu?

---

<sup>5</sup> A sentença parece estranha mas não agramatical. Veja que, se o que é focalizado é um sujeito [+humano], a expressão Wh pode ocorrer sem restrição, como vemos em (i):

(i) Foi o João quem deu o presente para a Maria

b. O que João comeu foi o bolo

c. ?\*Foi o bolo que João comeu

Nesse caso, o foco é interpretado como de informação.

Em relação à fonologia, as pseudo-clivadas podem ser pronunciadas com ou sem pico acentual sobre o constituinte focalizado. Como vem sendo apresentado até aqui, sempre que existe um foco não acentuado, pode existir aparentemente na mesma posição um acentuado, mas o inverso não é verdadeiro. Por exemplo, nas estruturas OSV, *O que SV* ou *O ser que SV* o foco só pode ser do tipo acentuado e a ele só pode ser associada uma interpretação contrastiva. No caso de ser acentuado, também o foco das pseudo-clivadas é interpretado contrastivamente.

Aplicando a análise de Belletti (2001), que vimos assumindo ao longo desse trabalho, a estrutura sintática de uma pseudo-clivada pode ser derivada de duas maneiras, dependendo do acento que recai sobre o foco. Para os dois casos, vamos admitir que a estrutura de base tem a cópula e uma mini-orção (SC) como complemento<sup>6</sup>. O sujeito da mini-orção pode ser uma relativa livre quando a pergunta contém uma expressão Wh interrogativa não *D-linked*, como em (29b), ou uma relativa com cabeça quando a pergunta contém uma expressão Wh *D-linked*, como (30):

(30) a. Que sobremesa o João comeu?

b. A sobremesa que o João comeu foi o bolo

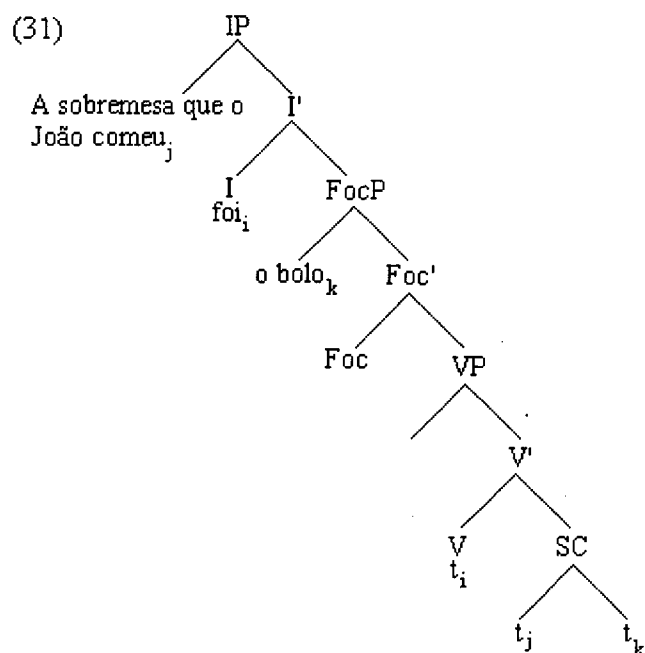
---

<sup>6</sup> Na verdade, a estrutura de uma pseudo-clivada é muito mais complicada do que esta que estamos utilizando. Para observar as complicações envolvidas ver Krug de Assis (2001) e Modesto (2001).

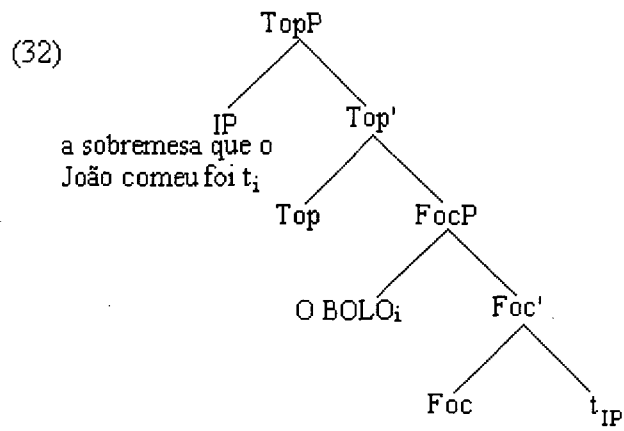
O predicado da SC, que é *o bolo* em (29b) e (30b), é a especificação que se atribui ao sujeito.

A estrutura sintática de uma pseudo-clivada com foco não acentuado é como

(31):



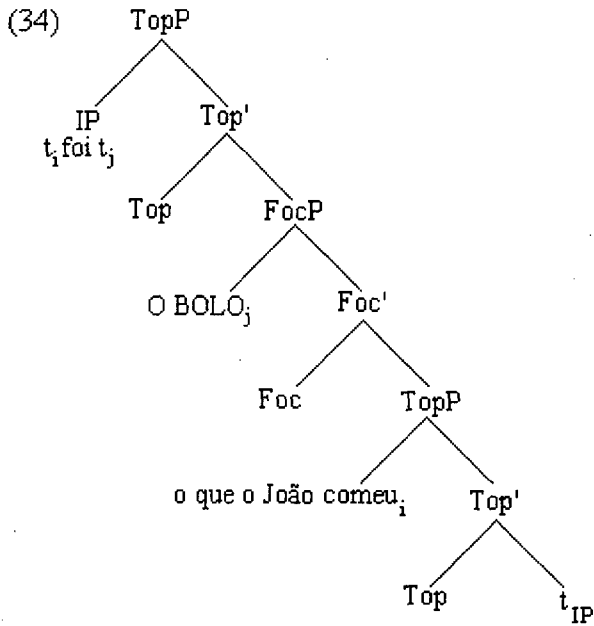
Em (31), o foco é movido para o Spec de FocP imediatamente acima do VP, a cópula vai para I e a relativa para o Spec de IP. Na estrutura sintática de uma pseudo-clivada com foco acentuado, o foco vai para o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença e o IP remanescente para o Spec de TopP, como vemos em (32):



Além das pseudo-clivadas canônicas, este sistema dá conta das pseudo-clivadas invertidas, como as de (33), onde o foco pode ser acentuado ou não:

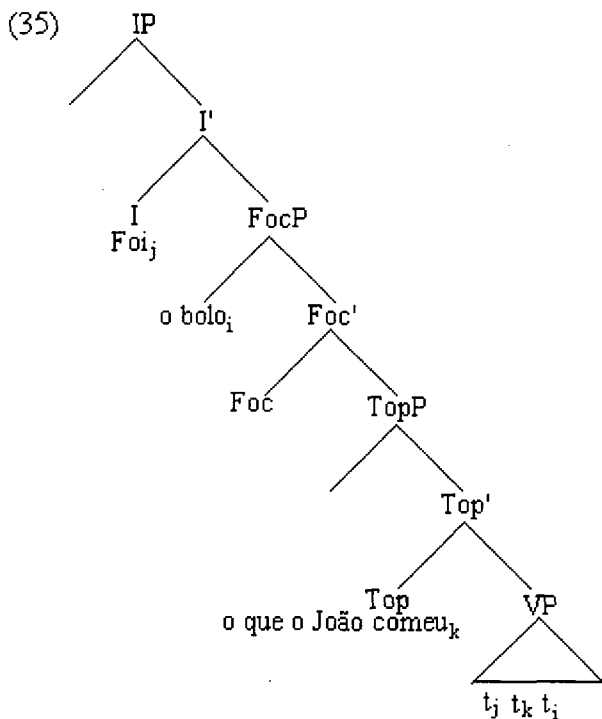
- (33) a. Foi O BOLO o que o João comeu  
 b. Foi o bolo o que o João comeu

A representação de (33a) seria como (34):



O constituinte focalizado *o bolo* se move para o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença; a relativa livre *o que o João comeu* se move para o Spec de TopP abaixo de FocP; e o IP remanescente  $[t\ foi\ t]$  se move para o Spec de Top acima de FocP.

A representação de (33b) seria como (35):



O constituinte focalizado *o bolo* é movido para o Spec de FocP interno ao IP e o verbo *ser vai I*.

No caso em que a invertida tem o foco antes da cópula, como em (34), este só pode ser contrastivo:

(36) O BOLO foi o que o João comeu

Para dar conta de (36) precisamos supor apenas o movimento do constituinte focalizado *o bolo* para Spec de FocP na periferia esquerda da sentença.

### 2.2.6. Pseudo-clivadas reduzidas

Para encerrar essa seção 2, vamos considerar o conjunto de sentenças em (37):

- (37)
- a. O que o João bebeu foi vinho/VINHO
  - b. O João bebeu foi vinho/VINHO
  - c. Bebeu foi vinho/VINHO
  - d. Foi vinho/VINHO
  - e. Vinho/VINHO

O que (37b-e) quer expressar é uma redução da sentença (37a), como representado pelos parênteses em (38):

(38) (O que (o João (bebeu (foi (vinho/VINHO))))))

Os parênteses mais encaixados contêm o único constituinte que não pode ser apagado.

A pressuposição é apagada progressivamente da esquerda para a direita começando pelo elemento mais externo. Esse processo se aplica até restar o único constituinte que não pode ser apagado: o foco. Usamos este recurso para tentar mostrar que a estrutura sintática das sentenças (37b-e) é paralela à da pseudo-clivada em (37a) e que a diferença entre elas fica reduzida à parte da pressuposição que é apagada. Assim, a sentença de (37) que contiver foco não acentuado vai ser derivada pelo movimento do constituinte focalizado para Spec do FocP interno ao IP; a que contiver foco acentuado vai ser derivada pelo movimento do constituinte focalizado para o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença<sup>7</sup>.

### **3. A Focalização do Sujeito**

Zubizarreta (1998) afirma que, para focalizar não-contrastivamente o sujeito, as línguas dispõem de duas estratégias: a primeira implica em utilizar a ordem VS; a segunda mantém a ordem SV que é combinada com um processo de desacentuação da pressuposição. Exemplos de línguas que recorrem à primeira estratégia são o espanhol, o italiano e o PE; uma língua que recorre à ordem SV é o inglês, que não apresenta a ordem VS. Nessa seção vamos discutir como o sujeito é focalizado no PB.

A focalização do sujeito é interessante no PB porque, por um lado, esta língua se alinha parcialmente com as que têm VS. Esta ordem se verifica com os verbos inacusativos e intransitivos, independente de o sujeito ser definido ou indefinido, como vemos em (39) e (40):

---

<sup>7</sup> Observe que (37d-e) podem ser também consideradas reduções de uma sentença clivada. Nesse caso, a análise que queremos atribuir a elas seria a mesma atribuída a uma clivada.

- (39) a. Quem telefonou?  
b. Telefonou um cliente/o Pedro

- (40) a. Quem chegou?  
b. Chegou um amigo meu/o Pedro

Por outro lado, o PB se afasta das línguas que permitem VS quando temos um verbo transitivo, como mostra (41):

- (41) a. Quem comeu o bolo?  
b. \*?Comeu uma criança/o João  
c. \*Comeu o bolo uma criança/o João  
d. \*Comeu uma criança/o João o bolo

Estas observações nos levam a algumas questões que não se colocam quando se trata da focalização do objeto:

1. Por que a ordem VS é possível com verbos intransitivos e inacusativos, mas não com transitivos?
2. Qual é a estratégia do PB para focalizar o sujeito com verbos transitivos?
3. Como acomodar a situação contraditória da primeira pergunta e a resposta que for dada à segunda ao sistema de Belletti (2001) que estamos assumindo ao longo desse capítulo?



### 3.1. O sujeito focalizado com acento

O sujeito focalizado contrastivamente pode aparecer em todos os tipos de estruturas em que o objeto aparece, como observamos em (42):

- (42)
- a. O JOÃO comeu o bolo
  - b. O JOÃO que comeu o bolo
  - c. Foi O JOÃO que comeu o bolo
  - d. O JOÃO foi que comeu o bolo
  - e. Quem comeu o bolo foi O JOÃO
  - f. ??Comeu o bolo foi O JOÃO
  - g. Foi o JOÃO quem comeu o bolo
  - h. Foi O JOÃO
  - i. O JOÃO

A única exceção aparece em (42f): por motivos que desconhecemos, não pode haver o tipo de redução da pseudo-clivada que apaga a expressão Wh sujeito que introduz a relativa. As derivações das sentenças de (42) seguem os mesmos passos dados na derivação do objeto focalizado contrastivamente: sempre há o movimento do sujeito para o Spec de FocP na periferia esquerda da sentença e, às vezes, o movimento do IP remanescente.

O sujeito focalizado contrastivamente pode ainda aparecer depois do verbo, tanto com verbos intransitivos e inacusativos como com verbos transitivos, como vemos em (43) e (44):

- (43) a. Telefonou O JOÃO (,não o Pedro)  
b. Chegou O JOÃO (,não o Pedro)
- (44) a. Comeu O JOÃO (,não o Pedro)  
b. ?Comeu o bolo O JOÃO (,não o Pedro)  
c. Comeu O JOÃO, o bolo (,não o Pedro)

A derivação de (43) e (44) envolve o movimento do foco para a periferia esquerda da sentença e o movimento do IP remanescente. Nesta situação, a derivação dá conta da ordem VS com transitivos embora não forneça nenhuma explicação direta para baixa aceitabilidade de (44b).

### **3.2. O sujeito focalizado sem acento**

#### **3.2.1 Pseudo-clivada (reduzida)**

O sujeito que veicula foco de informação aparece normalmente nas sentença em (45b-d):

- (45) a. Quem comeu o bolo?  
b. O João  
c. Foi o João

d. Quem comeu o bolo foi o João

Se mantemos o que foi dito a propósito da focalização do objeto, a derivação dessas sentenças não traz nenhuma novidade: o sujeito ocupa o Spec de FocP interno ao IP.

### 3.2.2 VS

Observamos que, se a resposta não é do tipo pseudo-clivada (reduzida), a focalização do sujeito levanta problemas interessantes. Consideremos (46) e (47):

(46) a. Quem chegou?

b. Chegou o João

(47) a. Quem telefonou?

b. Telefonou o João

(48) a. Quem comeu o bolo?

b. \*Comeu o João

c. \*Comeu o João o bolo

d. \*Comeu o bolo o João

O que (46) e (47) mostram é que, com os verbos mono-argumentais *telefonar* e *chegar*, o sujeito pode ser naturalmente focalizado na posição pós-verbal. A derivação dessas sentenças pode ser semelhante àquela proposta por Belletti (2001) para o italiano.

Entretanto, se o verbo for transitivo, a ordem VS não é natural para focalizar o sujeito, independente de o objeto aparecer na sentença. De acordo com a proposta de Belletti, pelo menos (48a) deveria ser gramatical. Como explicar que no PB a situação é diferente? A explicação deve ser elaborada em dois estágios: no primeiro, deve ser respondido por que a ordem VS é gramatical com intransitivos e inacusativos; no segundo, por que VS com transitivo é agramatical, mesmo sem o objeto expresso<sup>8</sup>.

Vamos recordar que no sistema de Belletti pode existir o caso acusativo para ser checado acima de FocP, ou seja, em AccP (ver cap. II). Como com verbos monoargumentais não existe acusativo para ser checado, a ordem VS é boa quando o sujeito é o foco. Já com verbos transitivos, que sempre têm acusativo para ser checado, podemos atribuir o peso da explicação para a interferência da categoria onde o caso acusativo é checado. A próxima questão que surge é por que a categoria AccP, quando vazia, não causa nenhum tipo de interferência no italiano; i.e., por que a sentença do italiano equivalente à de (48a) é gramatical.

A resposta que gostaríamos de avançar é que a categoria vazia em AccP é diferente nas duas línguas em discussão: o PB é diferente do italiano porque tem objeto nulo, categoria que cria interferência que tornaria a sentença agramatical<sup>9</sup>.

Mas alguma coisa tem que ser dita a mais se comparamos o PB com o PE, em que uma sentença como (48a) (e com o objeto clítico) seria possível, já que as duas línguas admitem objeto nulo. A explicação para esta diferença entre o PE e o PB se apoiaria na hipótese de que o objeto nulo é diferente nas duas línguas: segundo Raposo (1986), o objeto nulo do PE é uma variável; segundo Galves (1984) o objeto

---

<sup>8</sup> Essa foi a explicação sugerida pelo meu orientador.

<sup>9</sup> Note que no italiano também é possível uma resposta que tenha o objeto cliticizado. Porém esta resposta também seria pouco natural no PB.

nulo no PB é um pro. De alguma forma, o pro provoca interferência, mas a variável (e o clítico) não.

### 3.2.3. SV

O sujeito também pode ser focalizado na posição pré-verbal em Spec de IP no PB, isto é, as sentenças de (49) respondem respectivamente as perguntas (46-48a):

- (49)
- a. O João chegou
  - b. O João telefonou
  - c. O João comeu o bolo

As sentenças de (49) não podem ter uma entonação neutra, exceto no caso em que elas expressassem foco largo. Agora, quando se trata de foco estreito, o sujeito deve ser pronunciado com certa proeminência acentual.

Nos termos de Zubizarreta (1998), não se trata de uma elevação do acento sobre o sujeito (como acontece para o foco contrastivo), mas um processo que torna metricamente invisível a pressuposição. Nesse aspecto, o PB é semelhante ao inglês e ao francês. O fato de o PB ter a ordem VS com verbos intransitivos e inacusativos indica que há também o recurso do movimento prosodicamente motivado para focalizar o sujeito. Isso deve mostrar que os processos de focalização se encontram em mudança no PB, de modo semelhante ao que Zubizarreta diz acontecer com o francês<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> De acordo com alguns informantes, a posição de Spec de IP não é adequada para focalizar o sujeito. Esses informantes interpretam a elevação acentual do sujeito em (49) como sinal de contraste/correção. O recurso que eles apresentam para focalizar o sujeito dos verbos transitivos é uma

O problema que surge é mostrar como o sistema de Belletti (2001), utilizado ao longo desse trabalho, derivaria a ordem SV. A primeira parte do problema é explicar porque a ordem SV é optativa para focalizar o sujeito dos verbos inacusativos e intransitivos; a segunda parte é explicar porque SV é obrigatória com verbos transitivos. Para explicarmos as duas partes do problema, vamos recorrer de novo à categoria AccP e admitir que sempre é possível inserir um pro em Spec de IP.

A ordem SV é optativa com intransitivos e inacusativos porque o Spec de IP pode ou não ser preenchido por um pro. Quando o Spec não é preenchido, o sujeito sobe para ter seu traço [+nominativo] checado.

Agora, quando o Spec de IP contém o pro, o sujeito fica impedido de subir. Como não existe a categoria AccP interferindo entre o I e o Spec de FocP, a checagem do nominativo não é problemática. Assim, a possibilidade de ter foco em SV (49a-b) ou em VS (46-47b) pode ser entendida.

Por que a ordem SV é obrigatória com verbos transitivos? Primeiro vamos considerar a possibilidade de não inserir o pro em Spec de IP. Nesse caso, o sujeito sobe para checar seu caso nominativo. Depois vamos considerar a possibilidade de inserir o pro. Nessa situação, o sujeito não pode subir e, se ele permanece em Spec de FocP não vai ter como checar seu caso nominativo. Isso ocorre devido à presença da categoria AccP entre I e Spec de FocP. Esta pode ser a saída para explicarmos a obrigatoriedade de SV em (49c).

Em resumo, a focalização não-contrastiva do sujeito é permitida tanto em SV quanto em VS, o último caso sendo restrito a verbos mono-argumentais. O que

---

pseudo-clivada (reduzida) em que, quando a cópula aparece, fica visível a ordem VS. Como sugeri Mary Kato em conversa pessoal com o meu orientador, a discordância entre os falantes a respeito da ordem SV para os verbos transitivos representa um indício a mais de que o PB é uma língua em mudança.

impede VS com verbos transitivos é a presença de um pro, que é o objeto nulo do PB, que tem a capacidade de criar interferência entre I e o sujeito no Spec de FocP. Como vimos, existem duas estratégias para focalizar o sujeito, e essa convivência revela que o PB é uma língua em estado de mudança.

## Considerações Finais

Essa dissertação procurou analisar as sentenças focalizadas no PB. Segundo Belletti (2001) há dois tipos de foco: o que tem uma interpretação contrastiva/corretiva/exaustiva situa-se na periferia esquerda da sentença que vai conter um CP expandido (Rizzi,1997) e é marcado pelo traço [Foc<sub>2</sub>]; e o que é interpretado como foco de informação, situa-se dentro do IP, na periferia esquerda do VP e é marcado pelo traço [Foc<sub>1</sub>].

Vimos que em relação à fonologia o foco pode ou não ser acentuado. Quando acentuado, o foco só pode estar localizado na periferia esquerda da sentença. Quando não-acentuado, se trata de foco de informação e sua posição é o Spec de FocP interno ao IP. Se o simples movimento do foco tipo [Foc<sub>2</sub>] para periferia esquerda da sentença não é suficiente para derivar a ordem da sentença, então há o recurso de mover o IP remanescente para o Spec de TopP.

A diferença verificada na focalização do sujeito e na de constituintes que não o sujeito no levou a tratar desses fenômenos em separado. Notamos que, quando o objeto, por exemplo, é focalizado, ele pode manter sua posição pós-verbal canônica.

Já o sujeito pode ou não ser mantido em sua posição pré-verbal canônica. O sujeito focalizado pode aparecer na posição pós-verbal quando é combinado com verbos mono-argumentais, independente de receber ou não acento especial. Se combinado com verbo transitivo, só pode estar em VS se for acentuado. Por outro lado, o sujeito não-acentuado é focalizado em SV (para alguns falantes esta possibilidade não está disponível) com verbos mono-argumentais e transitivos, mas



nesse caso, a pressuposição sofre um processo de desacentuação. Tomamos o fato de haver duas estratégias para focalizar o sujeito e de haver desacordo entre os falantes como indício de que o PB é uma língua em mudança.

Tanto para focalizar o sujeito como constituintes que não são o sujeito o PB dispõe de duas estratégias adicionais. A primeira é a que simplesmente desloca o foco para periferia esquerda da sentença e nesse caso ele só pode ser acentuado. A segunda desloca o foco para o Spec de FocP que tem o núcleo preenchido pelo complementizador *que* e nesse caso o foco só pode ser acentuado. Por fim, as clivadas e pseudo-clivadas (reduzidas) são sentenças que servem para focalizar e nesse caso o foco pode ou não ser acentuado.

Para explicar que o sujeito pode ser focalizado em VS, admitimos que ele é possível com verbos mono-argumentais porque com esses verbos não está em jogo a categoria AccP. O fato de não existir essa categoria permite que o sujeito cheque seu caso nominativo sem problemas. Quando o sujeito é focalizado em VS, há a inserção de um pro sujeito em Spec de IP.

A existência da categoria AccP e de objeto nulo com propriedades de pro são os motivos alegados para impedir a checagem do sujeito em VS com verbos transitivos. Se o sujeito fica em posição pós-verbal com esta classe de verbos, ele não consegue checar ser caso nominativo por causa da interferência de AccP, que conteria ou um objeto lexical em se Spec ou um objeto nulo pro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBAR, M. (1999) “ Aspects of the syntax of focus in portuguese” In Rebuschi & Tuller (eds.), Vol 24, *The Grammar of Focus* : 23-53.

BASTOS, A.C.P. (2001) “ Fazer eu faço! Topicalização de constituintes verbais em Português brasileiro. Dissertação de mestrado, Unicamp, Campinas.

BELLETTI (1999) ““ Inversion” as focalization”. ms, Università di Siena.

\_\_\_\_\_ (2001) “ Aspects of the low IP area.” ms, Università di Siena.

CHIERCHIA G.& S. McCONNELL- GINET. (1996). *Meaning and Grammar: na Introduction to semantics*. MIT Press.

COSTA, J (s/d) Postverbal subjects and Agreement in Unaccusative contexts in European Portuguese. ms, Universidade Nova de Lisboa.

\_\_\_\_\_, (1997) Word order typology in optimality theory. ms, Universidade de Nova Lisboa.

GALVES, C (1984). “ Pronomes e categorias vazias em português do Brasil”, *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 7, 107-136.

GONÇALVES, C.A (1999). “ O fenômeno da focalização e a interface fonologia-sintaxe”. D.E.L.T.A vol.15 n° 2 pp.319-342.

GROLLA, E.B. (2000). A aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro. Dissertação de mestrado, UNICAMP.

KATO, M. A. & RAPOSO, E. (1994) “European and Brazilian Portuguese Word Order: Questions, Focus and Topic Constructions”, in Parodi, C *et alii*(eds.) Selected papers from the Linguistic Symposium on Romance Languages XXIV, Georgetown Press, Washington, D.C.: 267-277.

KATO, M.A (2000). “Prosody, Focus and Word Order” (resenha)  
D.E.L.T.A vol. 16 nº 1.

KEMPSOM, R.M (1980) *Teoria Semântica*. Rio de Janeiro, Zahar.

KISS, Katalin É. (1998a) Identificational Focus versus Information Focus.  
*Language*, Vol.74, nº 2: 245-273.

KRUG DE ASSIS, C (2001). “Sentenças clivadas e pseudo-clivadas no português brasileiro”. Dissertação de mestrado, UFSC.

MIOTO, C (1999). “CP no PB”. ms, Universidade Federal de Santa Catarina.

MIOTO, C & FIGUEIREDO SILVA, M.C (1995). “Wh que = Wh é que?” .  
D.E.L.T.A.vol.11 nº 2: 301-311.

MIOTO, C., M. C. F. & LOPES, R. E. V. (1999) “Manual de Sintaxe.” Florianópolis, Editora Insular.

MODESTO, M. (1995) “As construções clivadas no português do Brasil: Relações Entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia.” Dissertação de Mestrado, USP, SP.

- PESETSKY, D (1987) .’WH *in situ*: Movement and unselective binding”. In E. Reuland and A. G. B. Ter Meulen, eds., *The representantion of (in) definiteness*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. (2001). *Semântica Formal: uma breve introdução*. Campinas, Mercado das Letras.
- RAPOSO, E. P. (1992). “ Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem.” Lisboa, Editorial Caminho.
- \_\_\_\_\_ (1986). “ On the Null Object in European Portuguese” In Osvaldo Jaeggli and Carmen Silva-Corvalán (eds.), *Studies in Romance Linguistics*, pp. 373-390, Foris Publications, Dordercht and Cinnaminson.
- REBUSCHI & TULLER (1999) “The Grammar of Focus: an introduction” In Rebuschi & Tuller (eds.), Vol 24, *The Grammar of Focus*: 1-22.
- RIZZI, Luigi (1997) “The fine structures of left periphery” In L. Haegeman (ed.) *Elements of Grammar*: 281-337. Kluwer Academic Publishers.
- \_\_\_\_\_ (1996) Residual verb second and the *Wh*-criterion. In: Belletti, A & L. Rizzi (eds) *Parameter and functional heads*: 63-90. New York, Oxford Oxford, University Press.
- ZANFELIZ, A. (2000) “ Foco no português brasileiro” comunicação apresentada no IV Congresso do Círculo de Estudos do Sul (CELSUL), em Curitiba, PR.
- ZUBIZARRETA, Maria L. (1998) *Prosody, Focus and word order*. MIT Press.